

Vol. I

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Vol. I

Coordenação de
Jorge de Oliveira

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

Câmara Municipal de Marvão/Edições Colibri

Título

MEMÓRIAS DA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO

(Número especial 2025 da Revista <<IBN MARUÁN>>)

Vol. I

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (Universidade de Évora, CHAIA)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus autores

Design Gráfico e Paginação

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Fotografia de capa

Juan Carlos Jimenez

Depósito legal n.º 551 345/25

ISBN n.º 978-989-566-550-1

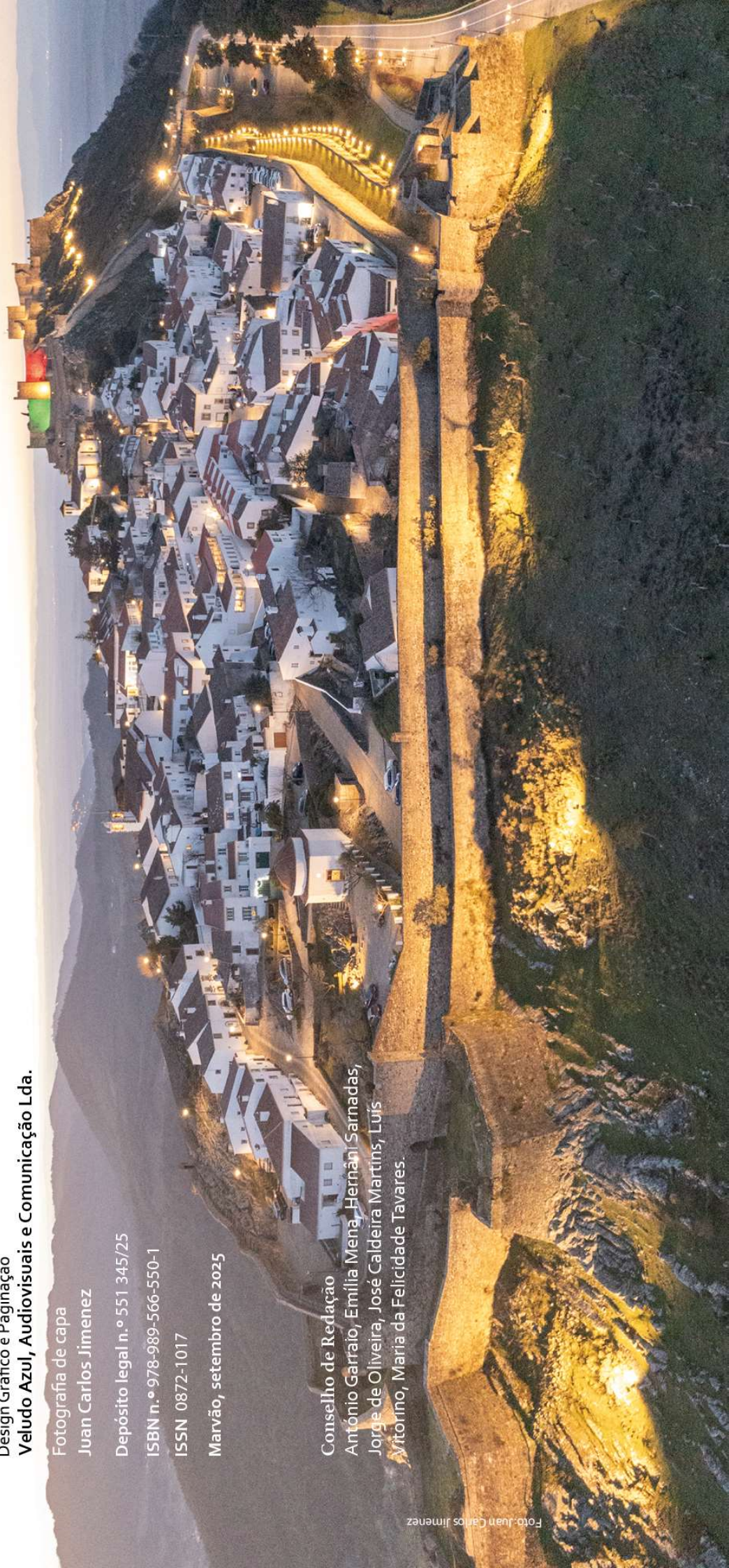
ISSN 0872-1017

Marvão, setembro de 2025

Conselho de Redação

António Garraio, Emília Mena, Hernâni Sarnadas,
Jorge de Oliveira, José Caldeira Martins, Luís
Vitorino, Maria da Felicidade Tavares.

Foto: Juan Carlos Jimenez



Bibliografia

- CAMACHO, Manuel de Brito (1931). *Por Ceros e Vales*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (1982). *Marvão (Elucidário breve de uma visita a esta vila)*. 5ª ed.: edição de autor, p.15.
- COELHO, Possidónio M. Laranjo (2001). *Terras de Odiana – Subsídios para a sua história documentada. Medobriga – Aramenha – Marvão Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 11 (ed. especial). Lisboa: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri. (fac-símile da edição de 1924)
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 4, 1991. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 8, 1998. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 9/10, 1999 – 2000. Marvão: Câmara Municipal de Marvão.
- INÁCIO, Ana Calado (1993). "Nordeste alentejano: povoamento e defesa (1378–1405)" in *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº 8 (nova série). Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, pp. 173 - 188.
- MORENO, Humberto Baquero (1986). *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI – Estudos de História*. Lisboa: Editorial Presença.
- PIMENTEL, Alberto (?1877). *Viagens à Roda do Código Administrativo*. Lisboa: J.A. de Mattos.
- RAMOS, Francisco M. (2014). "Marvão, Paisagem Cultural" in OLIVEIRA, Jorge de (coord.). *Marvão – Estudos e Documentos de Apoio à Candidatura a Património Mundial*. Lisboa: Edições Colibri/Município de Marvão, pp. 260 - 285.
- SARAMAGO, José (1995). *Viagem a Portugal*. 17ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2000, p. 215.
- SIMÃO, Teresa (2011). *O Falar de Marvão – pronúncia, vocabulário, alcunhas, ditados e provérbios populares*. Lisboa: Edições Colibri.
- SIMÃO, Teresa (2015). *O Falar de Marvão – Património Imaterial Raiano*. Tese de doutoramento apresentada à universidade de Évora.

Soror Celedónia Gil Castaño

MEMÓRIAS DA SOR CELEDÓNIA GIL ou História das fundações em Portugal desde 1932 até 1977 das Filhas de Maria Mãe da Igreja

Leitura, tradução, introdução e notas de
Jorge de Oliveira
Universidade de Évora, CHAIA

INTRODUÇÃO



Na década de oitenta do século vinte quando parava um estudo sobre os monumentos megalíticos do Nordeste do Alentejo apercebi-me que, pelo menos, duas antas do concelho de Marvão erguiam-se em parcelas agrícolas que, segundo os seus proprietários, tempos tinham pertencido à Misericórdia de Marvão. Na eventualidade de poder encontrar alguma referência antiga a antas nalgum inventário de bens da Misericórdia desloquei-me ao Convento de Nossa Senhora da Estrela, sua atual sede, para tentar ter acesso ao seu arquivo. Fui recebido pela Madre da congregação religiosa, Filhas de Maria Mãe da Igreja, que geria esta instituição. Depois de compreender ao que vinha disse-me que não havia nenhum arquivo da Misericórdia, mas apenas uns livros e papéis velhos que se encontravam no coro da igreja do convento. Mesmo assim pedi para ter acesso a esses “papéis velhos”. Vendo que trazia máquina fotográfica disse-me que os poderia ver, mas não estava autorizado a fotografar nada. Em língua castelhana a Madre chamou outra freira, aparentemente mais idosa, de seu nome Sor Celedónia, para que me acompanhasse na consulta que pretendia efetuar. Muito mais cordial, enquanto nos dirigíamos ao coro-alto foi-me dizendo, num portunhol perfeitamente compreensível, que gostava muito de história. Mais me disse que tinha sido ela quem resgatou os “pergaminhos” e livros que iria ver, quando o armário onde estavam tinha feito falta noutro local. Nessa altura, e já havia uns anos, chovia em cima do armário e os “pergaminhos”, como ela lhes chamava, estavam todos molhados. Nessa data, porque os documentos estavam cheios de bolor, uma superior disse-lhe que os deveria queimar, mas ela, porque gostava muito de história e compreendia a sua importância, esqueceu as ordens e espalhou-os pelo chão do coro-alto para secarem. Por fim chegámos ao local e lá estavam diversos livros e muitos papéis soltos espalhados por todo o lado. A Sor Celedónia sabendo ao que ia imediatamente se encaminhou para um canto onde estava uma pasta de cartão, quase a desfazer-se, que continha vários documentos soltos relativos a doações de propriedades

à Misericórdia de Marvão. Eu e a Sor Celedónia, sentados num banco corrido que se encontrava no coro-alto, durante várias horas lá percorremos os documentos e encontramos duas referências a antas. Uma no Curral da Atalaia, a demarcar essa propriedade, em documento datado de 1693, a outra num documento de 1780 falava-se da Anta do Vale da Figueira, que testava essa tapada doada à Misericórdia. Continuáramos a vasculhar os documentos não fosse a voz estridente de outra freira ecoar pela igreja que perguntava à Sor Celedónia se não tinha relógio, e que, de facto, não tinha mesmo. Feliz com a descoberta, mas impossibilitado de reproduzir fotograficamente os documentos, lá descemos até à portaria onde recuperei a minha máquina fotográfica e me despedi efusivamente da Sor Celedónia, prometendo regressar para contínuarmos as investigações. Os anos foram passando e não voltei a vasculhar o arquivo secreto da Sor Celedónia. Só em 1991, quando ajudávamos a preparar um artigo sobre o Convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão (Balesteros, 1991) para incorporar o primeiro número da Revista Ibn Maruán, voltei a contactar a Sor Celedónia Gil. Naturalmente, a pergunta que de imediato de impôs foi de saber como estava o seu “arquivo secreto”. Com indistincta tristeza e balbuciando algumas palavras em espanhol de difícil tradução, por entre o seu portunhol, consegui perceber que uma “ella” teria queimado os “pergaminhos” soltos, só se salvando alguns livros. A pasta de cartão e o seu conteúdo, que há dez anos já se estava a desfazer, também se tinha, literalmente, esfumado. Percebi, assim, que se tinha perdido uma parte considerável da história da Misericórdia de Marvão! Mas, desta vez, o que nos levava ao Convento de Nossa Senhora da Estrela era algo muito mais abrangente. Pretendia-se conciliar a informação impressa, já disponível, com o que ainda se conservava do antigo convento franciscano. Mais uma vez, por ordem superior, foi a Sor Celedónia que fez as honras da casa acompanhando-nos na visita aos espaços e, esporadicamente, com a presença de outra freira, que seria, provavelmente, a madre. Agora, felizmente, já podíamos utilizar a máquina fotográfica. Visitámos o convento e no fim, na sala de visitas, entrevistámos, calmamente, a Sor Celedónia que nos contou quão difícil e complicada foi a instalação em Marvão da congregação a que pertence. Aí pedi para a fotografar. Ela anuiu, mas com a condição que se visse por trás dela a imagem pequenina e original de N.ª. Sr.ª. da Estrela. Duas fotografias registámos. Ao querermos saber mais sobre o trabalho que esta congregação desenvolvia no espaço do antigo convento franciscano a Irmã Celedónia levantou-se, saiu da sala por breves minutos e reapareceu trazendo consigo uma pequena bolsa de pano. Por baixo da mesa, de forma que outra freira que também estava na sala não se apercebesse, retirou do saco um pequeno caderno pautado que nos entregou. Sabendo que eu dirigia a Revista Ibn Maruán pediu-me que publicasse o que ela tinha escrito, mas só passados vinte cinco anos da sua morte. Algo incrível, rapidamente recolhi o caderninho em formato A5 no estojó de fotografia e momentos depois despedimo-nos junto à portaria



Soror Celedónia Gil Castanho

do convento. Já no carro fomos ver o que a Irmã Celedónia me tinha entregado. Tratava-se da "História das fundações em Portugal desde 1932 até 1977" da Congregação das Filhas de Maria Mãe da Igreja, assinada por Sor Celedónia Gil.

Perante a importância do conteúdo do manuscrito reconhecemos que não deveríamos ficar com a responsabilidade de manter à nossa guarda o original por um tempo sempre superior a vinte e cinco anos. Dirigimo-nos a Castelo de Vide onde fotocopiámos integralmente o caderno da Sor Celedónia e regressámos a Marvão para lhe devolvermos as suas memórias. Com o pretexto de esclarecermos alguns pormenores da anterior entrevista dissemos a quem nos recebeu na portaria que queríamos falar com a Sor Celedónia. Pouco tempo depois lá apareceu ela à porta do convento já algo alquebrada. Explicamos-lhe porque tínhamos regressado e devolvemos-lhe, dentro dum envelope e muito discretamente as suas preciosas memórias. Imediatamente o envelope desapareceu por entre o seu hábito de religiosa e preocupada perguntou-me se podia ficar descansada que lhe publicaria o seu manuscrito. Jurei-lhe que sim. Despedimo-nos afetuosamente e já a alguns metros de distância a Sor Celedónia voltou a dizer: "Sólo veinte cinco años después de mi muerte, no lo olvides!".

Foi a última vez que vi a Sor Celedónia. Faleceu dois anos e poucos meses depois com noventa anos de idade.

Guardei, cuidadosamente, as fotocópias do caderninho pautado, em formato A5, que me foi entregue pela Sor Celedónia.

Em 2018 passaram 25 anos sobre o falecimento da autora. Nessa altura, à semelhança do que já ocorrera para a Freguesia de São Salvador, tínhamos previsto editar dois números especiais da Ibn Maruán dedicados, um às freguesias de Santo António das Areias e Beirã e outro à freguesia de Santa Maria de Marvão. Neste, seria

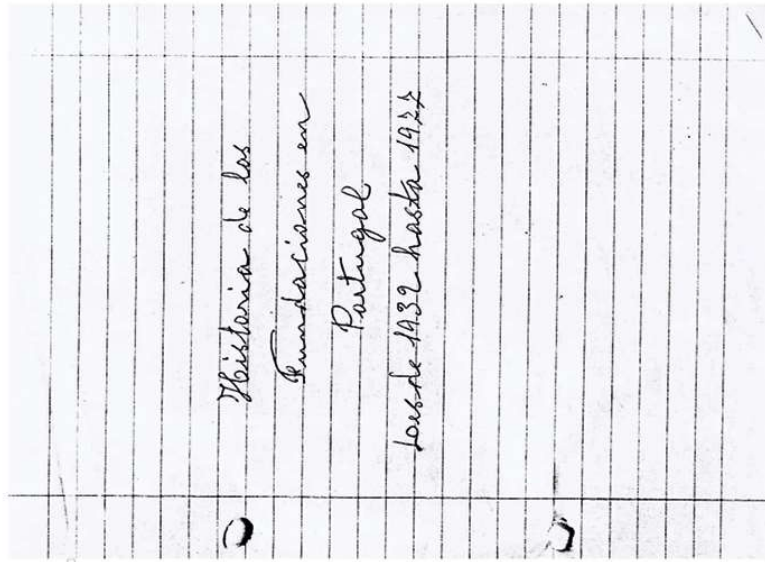
então oportuno publicar as 121 páginas manuscritas da autoria da Sor Celedónia, acompanhadas da reprodução das pagelas e recorte de jornal que ela nos entregara para publicação. Em 2020 publicou-se o número especial da Ibn Maruán dedicado às freguesias da zona norte de Marvão. Agora, sai a público o número dedicado à Freguesia de Santa Maria de Marvão, onde se inclui, dando cumprimento à vontade da autora, as suas memórias que se revestem de supremo interesse para a história, em todos os seus aspetos, do concelho de Marvão e não só, no período que medeia entre 1932 e 1977.

O pouco que conseguimos apurar sobre a vida da Sor Celedónia é nos contado por ela no seu manuscrito, no seu assento de óbito e na da documentação disponível na internet, por via do seu irmão, David José Gil Castaño.

Celedónia foi o nome adotado por Faustina Gil Castaño quando ingressou na congregação religiosa. Faustina nasceu em 1903, em Fuentes de Bejar, na província de Salamanca, em Espanha. Era filha de Alfonso Gil Diaz, trabalhador assalariado, natural da mesma terra e de Celedónia Castaño Blasquez, doméstica, natural de Puente del Congosto. Este casal teve três filhos. Faustina, a primogénita, David José, nascido em 1904 e Leandro, o mais novo, nascido em 1907. Sobre o irmão David José Gil Castaño são conhecidas diversas referências. Nasceu a 26 de junho, de 1904, em Fuentes de Bejar. Sabe-se que ainda adolescente emigrou para França. Quando começou a Guerra Civil em Espanha regressa ao seu país e alista-se nas brigadas republicanas. Com a vitória de Franco refugia-se em França e por lá fica. Quando as tropas alemãs invadem França, David Gil alia-se à Resistance Française onde desenvolve atividades de espionagem e promove múltiplas ações de sabotagem contra os interesses de Hitler. Durante a ocupação nazi é preso e ingressa no dia 24 de maio de 1944, no Campo de Concentração de Neuengamme, na Alemanha, conjuntamente com mais 200 espanhóis. Só conseguiu sair de Neuengamme no fim da Segunda Grande Guerra, quando este campo foi libertado pelas tropas aliadas, regressando a França. Só voltou a entrar em Espanha após o fim da ditadura franquista e por pouco tempo. Em França casou com Albine Buch de Gil de quem tem uma filha, Violeta Gil Buch. David Gil Castaño faleceu no dia 29 de agosto de 1985, em Cambo-les-Bains, perto de Bayona, em França, onde se encontra sepultado.

Depreende-se da informação disponível que os recursos familiares de Faustina Gil seriam bastante modestos. Quando a família se muda de Fuentes de Bejar para Placência, em 1907, vão habitar numa modesta casa junto à estação de caminhos de ferro. Ainda adolescente o irmão do meio, David, emigra para França em busca de trabalho. Provavelmente, tal como aconteceu em tantos casos, para fazer face às dificuldades financeiras da família, Faustina junta-se à Congregação das Filhas de Maria Mãe da Igreja.

Fotocópias do caderninho pautado, em formato A5, que me foi entregue pela Sor Celedónia.





Logo da Congregação de Marvão

Desconhecemos em que ano Faustina ingressa nesta congregação, nem quando fez os seus votos mudando o nome para Celedónia. Provavelmente a adoção deste nome fê-lo em homenagem à sua mãe, eventualmente já falecida. Levantamos esta hipótese porque, por norma, as jovens que ingressavam numa congregação adotavam nomes explicitamente religiosos, enquanto Faustina optou pelo nome da sua mãe. Se não sabemos com que idade Faustina entrou para a congregação, conta-nos ela, no seu relato, que quando já tinha trinta anos e já, assumidamente, era membro da congregação, frequentava a Universidade de Salamanca. Em 20 janeiro de 1933, nessa universidade é aprovada no exame final, graduando-se como enfermeira. No final do mesmo mês, juntamente com mais cinco religiosas, rumam a Portugal para assumirem a gestão do Lactário da Covilhã. Esta vinda urgente para Portugal mais não terá sido do que uma fuga à insegurança gerada pela instabilidade política e guerra civil que, então, alastrava por toda a Espanha. Logo na primeira página das suas memórias a Sor Celedónia Gil, assim se assinava, diz-nos “Era a principios del año de 1932 cuando España se encontra en uno de los periodos de revolucion [...] todos los que profesaban la religion cristiana eran cruelmente perseguidos amenazados y cruelmente muertos, despues de maltratados insultados y zarandeados [...] vários aconsejaron a nuestras Madres que deben procurar alguna residencia fuera de España por si se puede salvar la Congregación y tambien algunas Hermanas mas enfermas y otras ancianas”.

Assim, desde janeiro de 1933, com 31 anos, a Irmã Celedónia vem para a Cidade da Covilhã, incorporando o segundo grupo de religiosas desta congregação que se estabelecem em Portugal. O primeiro grupo, no ano anterior, tinha-se estabelecido na Cidade da Guarda, mas por pouco tempo. Durante 11 anos a Irmã Celedónia permanece na Covilhã até que terminam as ações assistenciais da Congregação nessa cidade. Por convite de Manuel Vivas, Presidente da Câmara e Provedor da Misericórdia de Marvão, no dia 22 de abril de 1944,



Convento de N.ª. S.ª da Estrela (anos 30 do séc. XX)

a Sor Celedónia, juntamente com outras freiras, rumam a Marvão aqui trabalhando até à sua morte, que ocorre às 18 horas, do dia 23 de maio, de 1993. Como consta no registo do cemitério de Marvão está sepultada na campa nº13. Praticamente sem bens pessoais constituiu sua herdeira a sobrinha, de seu nome Madalena Gil Garcia.

O documento que agora aqui divulgamos, a pedido da Sor Celedónia, reveste-se de elevado interesse para a história da assistência social junto dos trabalhadores da Covilhã, mas especialmente da comunidade do concelho de Marvão. Infelizmente o relato das memórias de Sor Celedónia termina em 17 de dezembro de 1977, fazendo coincidir esse epílogo com os 75 anos da morte da fundadora da congregação a que pertencia, Madre Matilde Téllez Robles, data que corresponde, igualmente aos 75 anos de idade que proximamente a Sor Celedónia celebraria. O fim do seu relato corresponde, assim, como diz a Sor Celedónia, à celebração festiva das bodas de diamante da entrada no Paraíso Celestial da Madre Matilde, na companhia de Jesus Sacramentado, Maria Imaculada e o bendito São José.

Quando nos entregou o seu manuscrito, em 1991, estava ainda a Sor Celedónia na plenitude das suas faculdades intelectuais. Poderia ter dado continuidade ao relato das suas memórias por mais alguns anos, sobretudo nesse interessante período de profundas transformações que o 25 de Abril nos propiciou. Infelizmente não o fez e a Revolução de Abril apenas se refere em duas ocasiões, de uma forma passageira e algo crítica. Entendeu assim terminar o seu testemunho na comemoração dos 75 anos da morte da fundadora da congregação a que pertence e simultaneamente, à aproximação da idade em que as religiosas deveriam abandonar a suas responsabilidades laborais nas congregações, os 75 anos de idade.

Pela leitura do manuscrito, redigido em língua castelhana, reconhece-se claramente a erudição de Sor Celedónia. Para além duma elevada cultura geral que lhe reconheci na curta convivência que com ela tive, igualmente se apercebe no seu texto um forte domínio do latim, que transparece na construção das frases do seu manuscrito, o que nos obrigou, durante a tradução, a uma constante reorganização da estrutura gramatical. Se a sua erudição se revelava tanto no contato direto como na sua escrita, o mesmo ocorre com o seu constante sentido de humor e na utilização de alguns termos pouco frequentes no meio de comunidades religiosas. Paralelamente, a sua profunda religiosidade está sempre presente em todas histórias que compõem as suas memórias. Em cada uma delas há sempre em epílogo um pensamento religioso, onde por norma justifica o ocorrido com o determinismo divino e a crença na entrada no “Paraíso Celestial” é o término almejado.

Ainda que com alguma desorganização cronológica dos acontecimentos relacionados e escassas gralhas ortográficas o texto manuscrito é de fácil leitura, revelando

uma mão segura. A redação do manuscrito que me entregou a Sor Celedónia foi elaborada ao longo de algum tempo que não podemos precisar onde utilizou, pelos menos, três diferentes esferográficas de cor azul. Para a precisão das datas, circunstância das ocorrências relatadas, nome das pessoas intervenientes, número preciso dos que foram assistidos pela congregação e o pormenor de outros fatos relatados e que ocorreram num período de 45 anos poderemos suspeitar que a Sor Celedónia, desde há muito, que viria a registar, provavelmente em agendas, os fatos mais notáveis da vida



Sor Celedónia com a imagem primitiva da Sr.^a da Estrela

na congregação. Parece assim que esta “História de las Fundaciones en Portugal” da congregação fundada pela Madre Matilde Tellez era mais uma “missão” que a Sor Celedónia tinha assumido desde muito cedo, provavelmente desde o momento que vestiu o seu hábito. Reconhece-se no texto da Sor Celedónia Gil uma clara intenção de imitar, na forma e no conteúdo, as mais conhecidas crónicas das ordens religiosas que ela seguramente consultou. Transparece assim, que a Sor Celedónia, pretendeu assumir-se como a cronista da instalação da sua jovem congregação em Portugal, registando os fatos mais notáveis e enaltecendo as virtudes e santidade de muitos intervenientes, mas sobretudo das suas irmãs de missão, muito ao jeito das crónicas monásticas, sobretudo as setecentistas. Seguramente, a Sor Celedónia não estava superiormente mandatada para assumir esta “missão” de “cronista” da sua congregação e também por isso me terá incumbido de divulgar o seu texto só passados vinte cinco anos da sua morte. Quando a comunidade se estabeleceu em Marvão a madre atribuiu à autora deste texto a “missão” de zelar pela cozinha, portanto seria pouco provável, que superiormente a reconhecessem como “cronista da ordem”.

Desconheço o paradeiro do original deste rascunho, tal como o texto revisto e reorganizado, que a Sor Celedónia considerava como “el original” e que era formado por 149 páginas. A congregação a que pertenceu Sor Celedónia manteve-se em Marvão até ao dia 9 de setembro de 2013, rumando as últimas freiras, que pouco, ou nada já terão convivido com a Sor Celedónia, à sua casa na Póvoa do Varzim.

Cumpro, agora, passados 31 anos da morte de Sor Celedónia Gil, a promessa que lhe fiz de publicar o seu texto na Ibn Maruán, não na língua castelhana em que o redigiu, mas em língua portuguesa que ela tantas vezes, ao longo das suas páginas, se lamenta de não dominar. No texto que agora se divulga entendi, por reserva, ficar algumas identidades de pessoas cujas histórias de vida são relatadas pela Sor Celedónia. Por considerar que a tradução é sempre uma interpretação do texto original e porque omiti, intencionalmente alguns nomes, mas considero que tenho a obrigação, enquanto cidadão, com formação em História devo preservar, mas sob reserva de acesso, o exemplar que me foi entregue. Assim, entendi depositá-lo, em envelope fechado e lacrado no Arquivo Histórico do Município de Marvão, solicitando, tal como fez a Sor Celedónia, que só possa ser acedido passados vinte cinco anos da minha morte. Espero que o cumpram, tal como eu cumpri a vontade da autora.

Jorge de Oliveira

Évora, setembro de 2024

HISTÓRIA DAS FUNDAÇÕES EM PORTUGAL DESDE 1932 ATÉ 1977 DAS FILHAS DE MARIA MÃE DA IGREJA

Nos inícios do ano de 1932, quando a Espanha se encontrava num dos períodos da revolução ninguém tinha paz, nem tranquilidade. A vida de todos os cidadãos honestos corria perigo, havia perseguições, prisões ou morte. O Rei tinha fugido, ou a tinham-no obrigado a fugir. Todos os que processavam a religião cristã eram cruelmente perseguidos, ameaçados e cruelmente mortos e depois de terem sido maltratados e insultados. Igual destino tinham os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas. Os conventos e igrejas eram incendiados e nada, nem ninguém estava seguro, vivendo-se em constante sobresalto.

Neste estado de coisas as nossas superiores aconselhadas por vários cônegos e sacerdotes e pessoas que apreciavam a congregação, como Don Manuel Fernandez, que sempre se interessou e muito pela nossa prosperidade tanto espiritual, como temporal e Dona Paulina, em Salamanca e outros aconselharam as nossas superiores que deviam procurar alguma residência fora de Espanha, porque só assim se podia salvar a Congregação e também algumas irmãs doentes, assim como as mais idosas.

Pedem os nossos serviços para um sanatório anti-tuberculose no país vizinho, em Portugal, na cidade da Guarda, fronteira com Cidade Rodrigo e como, até aí, apenas trabalhávamos em Espanha agradou-nos este novo pedido. Prepararam-se as coisas e para aí se encaminharam a nossa Madre-geral, então Carmen Cantisan e a sua secretária, Madre Guadalupe de la Preciosa Sangre, ambas de feliz memória.

Nada fizeram de concreto porque aquele lugar era demasiado grande para nós porque, naquela época, há que o reconhecer, éramos muito poucas e com pouca preparação técnica. Nesse grande edifício, no ano de 1935, passei seis meses a cuidar de algumas doentes de famílias influentes.

Por este motivo digo, era muito só para nós.

Podemos dizer que era uma extensa quinta com muitos metros, eventualmente perto de quase um quilómetro, com grandes edifícios, pavilhões, com três pisos, muito amplos onde funcionavam dispensários para consultas e tratamentos

Historia de las

Fundaciones

en
Portugal

Vera a principios del
año de 1932 cuando España
se encontraba en uno de los
periodos de revolución, sin
paz ni tranquilidad para
nadie, la vida de todo ciu-
dadano honesto corria el ri-
esgo o de persecución, cárcel
o muerte. El Rey se habia
marchado o le habian obli-
gado a irse, todos los que pro-
fesaban la religion cristiana
eran cruelmente perseguidos
amenazados y cruelmente
muertos, despues de maltrata

externos, vários consultórios, casas de habitação para todos os que ali trabalhavam e eram muitos, enfermarias, laboratórios, armazéns, cozinha, lavandarias, etc, etc. e bastantes chalés, nos quais, quem puder, poderá ficar como em a sua própria casa, muito melhor do que nos pavilhões. Mesmo quando já estávamos na Covilhã os nossos serviços ainda aí eram desejados. Notava-se que as nossas superiores nada tinham acordaram ou falado com os dirigentes deste estabelecimento sanitário.

Por essa altura, em Salamanca, apareceu uma senhora portuguesa que terá ido visitar algum doente no sanatório, ou outro qualquer motivo e aí iniciou uma amizade com alguma das nossas irmãs e por que Deus assim quis, falaram, como é natural, da nossa situação. E, ou a senhora lhes disse, ou elas propuseram, a verdade é que viemos a saber que uma comissão de senhoras da Covilhã necessitava de uma Comunidade para que se encarregasse dum lactário, que pensavam abrir para apoio à classe operária. Como se sabe esta cidade é grande e muito industrial e na altura já tinha entre 70 000 a 80 000 habitantes. As operárias das fábricas não tinham onde deixar os seus filhos mais pequeninos, durante as horas em que elas estavam ocupadas nas fábricas.

Aqui apenas necessitavam de duas religiosas e, na verdade, não eram necessárias mais porque os meninos necessitados eram lactantes e com a ajuda duma empregada tudo funcionaria, tal como a dita comissão pretendia. Rumou à Covilhã a Madre Piedade de San António, não me recordo quem acompanhou, nem por que razão ela foi como delegada da Madre, ou do seu Conselho, mas na verdade é que regressou muito entusiasmada. Não só iriam duas irmãs, mas sim seis. Neste Verão de 1932, catorze jovens irmãs, encontrámo-nos instaladas numa casa, em Salamanca, preparando-nos para obter o diploma de enfermeiras. Aí, para além estudarmos em casa, praticar nos sanatórios, onde também estavam duas Comunidades nossas, todas as que aí nos preparávamos também tínhamos aulas na Universidade.

Como disse, a Madre Piedade, a Madre Geral e igualmente com Don Paulino, sacerdote amigo da nossa congregação vinham muito entusiasmados da sua visita. Especialmente as irmãs residentes nesta sede, incentivavam-nos, direta e indiretamente e davam-nos os seus conselhos, tanto para o presente, mas, sobretudo, para o futuro próximo, porque, quiçá, algumas teríamos, obedecendo à voz de Deus, por via dos nossos superiores, que deixar a Pátria...

À primeira vista recordo quanto nos entristecia, à maioria, a possibilidade de sair de Espanha, mas no momento seguinte e com algumas reflexões, alegrámo-nos e animávamo-nos umas às outras.

Chegou, por fim, o dia marcado para os exames, vinte de janeiro de 1933, o que graças a Deus, depois de alguma ansiedade própria destas situações, todas conseguimos a aprovação. Anteriormente, por motivos pessoais dos catedráticos suspenderam onze irmãs. Talvez para as que fomos suspensas tivesse sido bom, porque assim preparámo-nos melhor. Não se devem ver as contrariedades pelo pior lado, mas antes, e ao contrário, tudo tem o seu lado positivo, ainda que no momento não seja muito claro.

Esta experiência proporcionou a todas, superiores e irmãs, algum sofrimento, pelo pouco hábito que nessa altura se tinha de estudar. Hoje é mais fácil, porque destes pequenos se incute que se tem de estudar e de se realizar, interiorizando esse hábito de querer saber mais e ser alguém na vida.

Terminada essa missão começamos a ser encaminhadas umas para o norte, outras para o sul ficando algumas no centro e ainda outras encaminhadas para além-fronteiras, tal como nos ensinavam quando estávamos no aposento, adquirido para nos acolher, enquanto aqui estudávamos que no fim iríamos para onde as nossas superiores pensavam que seríamos mais úteis, para a glória de Deus e utilidade da congregação.

Tudo estava já previsto e tratado para nos estabelecermos na Covilhã e nos últimos dias do mês de janeiro de 1933 saímos de Espanha seis religiosas Filhas da Madre Matilde do Sagrado Coração de Jesus Vellez Robles, atravessando pela primeira vez a fronteira rumo a Portugal, para irmos fazer o bem e levar corações a Jesus.

Esta expedição era composta pela Madre Piedade, que foi instalar a Comunidade, mas que depois regressaria a Salamanca, onde tinha a sua residência. Iria e viria, por ordem superior, sempre que fosse necessária a sua presença. Esta Comunidade foi então inicialmente constituída pelas irmãs Coração de Maria, Maria Josefa, Remédios (Canária), Pura (Paciana), Neves Burqueño e Celedónia Gil.

O dia estava frio, como é natural nesta época de inverno e nesta região tão montanhosa e onde cai muita neve. Esperavam-nos um grupo de senhoras, acompanhadas pelos seus esposos e outros membros da comissão, todos da mais alta sociedade. Contudo, ao nosso grupo de seis religiosas parecia que tínhamos caído em cima duma grande nuvem e a admiração mais aumentou quando todos nos começaram a saudar e a estenderem-nos a mão, como aqui é costume. Nós não estávamos acostumadas a que a fossemos cumprimentadas assim. Em Espanha, naqueles tempos, não era costume cumprimentar assim os cavaleiros e, ainda por cima, com umas pancadinhas

no ombro, em sinal de boas-vindas. As senhoras pregávamo-nos com um grande beijo na face ao qual correspondíamos, sem sabermos se era esse o protocolo. Depois começou em grande falatório, coisa que nunca tínhamos visto na nossa vida. Todos eles muito preocupados com a nossa bagagem. Diziam-nos para lhes entregarmos as malas, coisa que não nos passava pela cabeça, todas ficámos de boca aberta e ainda mais aberta ficámos ao ouvirmos e contemplarmos aquele grande movimento. Creio que algumas de nós chegaram a dizer, entregar as malas, nunca! Depois, com ajuda de sinais e com alguma tolerância por parte de eles convence-nos que teria de ser assim, como eles diziam, e que nós nada temêssemos.

Depois de já terem recolhido todas as nossas malas e de as terem colocado em carros e eram muitos, rumaram para cima. Instalaram-nos, separadamente e cada uma com seus pares fomos, em caravana, subindo as íngremes calçadas da cidade até chegarmos ao lactário onde as portas estavam abertas de par, em par. Aí deram as boas-vindas ao grupo de futuros cooperadores na missão de fazer bem à humanidade tão necessitada. A casa era um edifício novo, bem desenhado, mas com poucos móveis e todos emprestados. Percorremos a casa da qual todas gostámos muito. Por último conduziram-nos ao salão que serviria de refeitório da comunidade. Aqui tinham preparada uma apetitosa merenda. Antes de começarmos a comer, uma das senhoras leu umas quadras onde nos fazem a entrega da casa e da sua obra. De imediato iniciamos a degustar os aperitivos com o típico chá. A certa altura falta uma taça, uma senhora pede uma a uma irmã e esta depois de muito pensar crê que lhe pede uma toalha, porque aqui uma taça é uma chávena, por este exemplo podem compreender o papel de tontas que fazíamos e algum tempo depois nos encontramos bem mais gordas.

Como já anteriormente disse, a casa era grande e nova e bem situada, os acessórios que aí se encontravam e que pertenciam à casa era o autoclave dos biberons e as arcas com as respetivas roupas, tudo o resto era emprestado. Naquela mesma tarde levaram-nos algumas das loiças que tinham servido para a merenda.

Estava já terminar o mês de janeiro e queriam inaugurar a obra no dia 2 de fevereiro, portanto era urgente adquirir as coisas para que nesse dia ingressassem as crianças. Como obra é levada a cabo por pessoas cristãs e piedosas, a inauguração começou com uma cerimónia litúrgica, a eucaristia, ficando também pronta a capela para se poder celebrar essas cerimónias e guardar o Santíssimo Sacramento. O pároco foi sempre muito atencioso connosco e ajudou-nos sempre com muito agrado. Também havia um sacerdote jesuíta, que já deve estar no Céu com sapatos e tudo, porque era um santo Homem. Visitava-nos com muita frequência, animava-nos e como sabia

falar espanhol ouvia-nos em confissão. Ajudava-nos a perceber e a aprender algumas palavras em português. Escondido entre a sua capa e a sotaina também nos levava tudo o que podia, queijos, ovos, carne, bacalhau, etc. Deus o tenha recompensado de tudo.

Desde esse dia as crianças não paravam de aumentar e tiveram de nos comprar mais berços. Havia uma verdadeira necessidade de correr a tantos infelizes e àquelas pobres mães, que tanto sofriam, tão pobrezinhas, tão maltratadas pelos maridos, a muitas delas muitas lágrimas secámos. Levavam os seus filhos pela manhã e iam recolhê-los depois do trabalho. Aqui, duas irmãs e uma empregada desempenhávamos a tarefa de acolher crianças até aos dois anos.

Como disse, para além dos equipamentos necessários ao apoio direto às crianças do lactário o resto era emprestado e, passado algum tempo, cada senhora pediu a devolução do que lhe pertencia. Que podíamos fazer? Não tínhamos dinheiro, nem crédito e sem termos de onde nos viesse ajuda. Nos primeiros dias as senhoras da comissão combinaram-se entre elas e enviaram-nos das suas casas a comida já pronta, mas isso ia terminar e tínhamos de nos sustentar como pudéssemos e descer à realidade de que tínhamos que nos valer a nós próprias e por nossa conta. Os primeiros dias foram de verdadeira tristeza, lutámos com todo o tipo de necessidades e dificuldades. Queríamos comprar as coisas necessárias e indispensáveis, mas ninguém nos entendia. Um dia ofereceram-nos muitas azeitonas, com elas e com pão lá nos pudemos alimentar. Esse dia, visto que a Providência não falta em quem nela confia, aparece o Padre Alves, jesuíta e, como atrás referi, trouxe escondido dos padres mais alguns alimentos que, logo que ele saiu, de imediato tudo consumimos. Outro dia visita-nos uma senhora vizinha e rica, suponho que foi o Padre jesuíta que a mandou. Este Senhor que passava muitas horas ouvindo-nos em confissão e sabia das nossas necessidades é que terá suscitado nesta senhora sentimentos de caridade e porque Deus assim dispõe as coisas, quis inteirar-se da nossa situação e naquele dia já tivemos loiças e com que cozinhar e mais algumas coisas. A partir daí todos os dias nos visitava e se informava do que tínhamos para comer e se lhe parecia mandava-nos de sua casa o que melhor lhe parecesse. Ainda se comprometeu a dar-nos camisas, camisas e roupas novas para todas, móveis e até uma máquina de costura e dinheiro. Desde esse dia nada de fundamental nos faltou. Que o Senhor a tenha recompensado, porque sempre foi muito generoso connosco, ou seja, com toda a Comunidade. Esta Senhora chamava-se Dona Albertina Garcia Carneiro, também foi madrinha de uma das irmãs que na Covilhã fez profissão perpétua, se bem me recorde esta irmã chamava-se Fernanda.



Madre Matilde Téllez

LA SIERRA DE DIOS M. MATILDE TELLEZ ROBLES, fundadora de la C. de "Hijas de M.^a Madre de la Iglesia", nació en Robledillo de la Vera (Cáceres) —España— el 30-V-1841. Abre la primera casa de la Congregación en Béjar (Salamanca) el 19 de marzo de 1874. Murió santamente en Don Benito (Badajoz) el 17 de diciembre de 1902.

De espíritu profundamente eucarístico y mariano, practicó en sumo grado las virtudes fundamentales cristianas, destacando sobre todo en la caridad, por la vivencia de un ardiente amor a Dios y de una generosa entrega al servicio de los hermanos, de los enfermos, los pobres, las jóvenes y las niñas, especialmente huérfanas y necesitadas. En 1975 fue puesta en movimiento su Causa de Beatificación.

NOVENA

Oh Dios, amor substancial y eterno, que fundiste en tu sierva la Madre Matilde el ideal del amor eucarístico y una ardiente caridad para con el prójimo, especialmente para con los enfermos y niñas necesitadas.

Te suplicamos, Señor, la pronta glorificación de tu sierva ante la Iglesia; que nos ayudes a crecer a imitación suya en la caridad y te dignes concedernos por su intercesión la gracia que con filial confianza te pedimos, si es para mayor gloria tuya y bien nuestro. Amén.
Petición y Padrenuestro.

(Para uso privado)

Con licencia eclesiástica
Se ruega comunicen las gracias recibidas por intercesión de la M. Matilde a: Secretariado para la Causa de Beatificación de la M. Matilde, Avda. de la Merced, 2 - SALAMANCA. O a cualquiera de las casas del Instituto.

À Comunidade nunca a Senhora a deixou sem apoio, e o que desejo, repito, é que todas na sua casa tenham sempre saúde.

Agora vamos ver quantos utentes se querem inscrever. Quantos e quanto, se por mês, etc. A quantia mínima era de dois mil e quinhentos réis, outros por cinco mil réis e em menor número os de dez mil réis, a nós parecia-nos uma grande fortuna. O que iríamos fazer com tantos milhares de réis. É verdade que naquela ocasião necessitávamos mesmo desse dinheiro, mas quando vamos a ver a realidade e naquela época em que a nossa peseta estava tão desvalorizada, uma peseta eram dois escudos. Todos os milhares que nos davam reduziam-se a um valor insignificante. Tínhamos de ir, como fomos, de porta em porta a recolher, todos os meses, esses valores e depois de uma longa noite mal dormida a acompanhar os doentes internados. Todas aceitávamos com gosto este sacrifício por amor a Deus e para aliviar da doença os nossos irmãos e ajudar os que estavam em convalescença e lembrá-los que temos uma alma e que a temos de manter com saúde, assim como livrá-la da doença, porque tudo é um dom de Deus, a quem devemos agradecer. Aos que morriam, recordá-los que é a nossa peregrinação por este mundo e que ali no Céu é onde temos a nossa verdadeira pátria, onde nos espera Jesus e a nossa Mãe Imaculada, a Virgem Maria.

No princípio, por causa da língua, era muito difícil entendermo-nos com os doentes, mas umas vezes melhor, outras vezes pior, fomo-nos adaptando e começámos a ser conhecidas, compreendidas e queridas. A tal ponto que nos doze anos que ali passámos nunca nos faltou trabalho. Fomos bastante bem remuneradas, pusemos a nossa casa decentemente, com tudo o que era necessário, tínhamos para nosso sustento e também para o de algumas crianças, que ou por serem órfãs, pobres ou desamparadas nos responsabilizávamos pela seu crescimento, educação e sobrevivência na vida. No princípio a Madre Piedad ia e vinha até nomearam Superiora a Madre Nieves Vadillo. Nessa altura estava em guerra a Espanha e para a Covilhã veio a Madre Concepcion de Jesus, que já tinha 82 anos e que seria a número quatro na Congregação e mais duas irmãs doentes, que eram a Irmã Fernanda e sua irmã Magdalena. Também vinha neste grupo, para ajudar-nos, a Irmã Remédios (canária) e a Irmã Ascencion Almeida. Mesmo com este reforço sempre tivemos muito trabalho.

Alguns médicos eram autênticos propagandistas da nossa missão, quer como enfermeiras, quer como praticantes que aqui, nessa altura, ainda não existiam e não nos deixavam parar, quer fosse para dar injeções, quer fosse para curar feridas, ou para cuidar dos doentes de dia e de noite.

Ao fim de poucos meses chamam-nos para tomarmos conta de uma senhora em Castelo Branco, capital da Beira Baixa. Era uma senhora ilustre por descendência e na verdade, em pessoa também o era. Tinha capela privada onde todos os dias se celebrava Eucaristia para a família, que era formada por seis pessoas. Nós tão pobres no meio de tanto protocolo, podem imaginar como nos sentíamos estranhas. Ali permaneceu uma irmã durante um mês, deixando um ambiente de grande sabedoria. Até hoje conservamos boas recordações do trato com que a família nos acolheu e que ainda sobrevive.

Na Covilhã, não se sabe o motivo existia febre denominada Tifus paratíficas etc, de graves consequências e com muitos casos mortais. Começou-se, então, a usar a Clarotifina que atenuava um pouco o mal, ou a infeção, mas este medicamento não deu resultados satisfatórios e geralmente recaíam e ao recair sucumbiam.

Somos chamadas para uma família composta por um casal e duas irmãs solteiras, com idades entre os 25 e os 30 anos, aproximadamente. Apenas o homem estava em pé, mas nada entendia dos afazeres domésticos e muito menos de tratar os doentes, nem mesmo seguindo as instruções do médico. Este mandava que se colocasse a uma das doentes um saco de gelo na barriga porque a febre era contínua e muito alta. Aplicou o gelo de tal forma que lhe provocou uma grande queimadura. A pobre da Patrocinia muito sofreu e o seu cunhado muito chorou, parecia uma criança. Tomou conta deles a Irmã Narcisca. O primeiro que esta fez foi mandá-la, a ele, para casa dos

seus pais, mas todos os dias antes de ir para o trabalho e ao encerrar a fábrica queria-o ali. Também lhe exigiu uma empregada para os recados que pudessem ocorrer, dinheiro para qualquer coisa e o número do telefone, ou telefones onde pudesse ser encontrado com facilidade. Vá tranquilo que Deus proverá e dá início à sua missão de dia e de noite. Ele, para que a Irmã Narcisca pudesse descansar, substituiu-a de noite seguindo todos os conselhos, até que as três recuperaram a saúde. Ficaram-nos muito agradecidos, todos eram bons cristãos e ainda nos vieram visitar algumas vezes aqui a Marvão.

Outro caso, entre muitos, é o de uma família que tinha três filhos já casados e uma quarta à beira do matrimónio, também boa gente e bem socialmente. Resolveram ir a casa da irmã mais velha na despedida de solteira. Esta convidou-os a todos para jantar, que aceitaram felizes e contentes, regressando depois, muito satisfeitos, às suas casas. Passados poucos dias a noiva sente-se mal e pensaram que fosse gripe, ou cansaço. Chamam um médico que a manda para a cama e fazer análises. Revela-se febre tifóide. Como era vésperas do casamento e estava tudo preparado faz um esforço levanta-se, veste-se e como têm capela em casa, celebra-se o casamento. Assim que termina a cerimónia religiosa volta para a cama. Cada dia que passa sente-se pior e passados quarenta dias morre. O seu pai quinze dias depois da morte da primeira filha sente-se mal, supõe-se que seja do desgosto, mas não, é a mesma doença que atacou as suas duas filhas, primeiro a mais velha e depois a mais nova. Descansam todos em paz. A nós coube-nos acompanhar esta tragédia. Os que sobreviveram ficaram-nos agradecidos e nós sensibilizadas com aquela mãe por ter sofrido esta dura prova com tanta resignação cristã.

Foram raros os casos de doentes impenitentes que ali tivemos. Apenas recordo de um que que foi abandonado pelos que se diziam ser seus amigos. Na abundância e orgias estavam sempre presentes, depois nas atribulações abandonaram-no. Estiveram presentes nos tempos de revolução, porque ele tinha sido sempre um grande revolucionário. Chamámos o pároco, avisámos-lo do estado em que se encontra este pobre homem, sem saúde, sem amigos, sem família e sem dinheiro, portanto o seu estado era grave, tanto do ponto de vista físico, como moral, mas tínhamos de tratar dele. Para ali nos dirigimos e como estávamos avisadas, logo na primeira entrevista com o doente que estava bastante abatido, procurámos esmerar-nos em tudo. Ele sempre foi muito obediente e de poucas palavras. De quando em vez saía com uma piada das dele. Fazíamos como que não o tínhamos ouvido e assim foram passando os dias. A doença complicou-se e como logo de início nos tinha pedido para não se falar de religião, nem de coisas semelhantes, tivemos-lo em conta. Contudo, rezávamos e pedíamos e por ele em orações, muito baixinho. Um dia depois de o cuidarmos disse-nos, vocês estão loucas. Perguntamos-lhe o porquê? Mas ele calou-se. Outro dia

disse-nos, sabem quem eu sou? respondemos-lhe que sim, que era um dos nossos irmãos. É impossível eu ser vosso irmão, respondeu ele, e nós continuámos, você e os seus irmãos são filhos do senhor Alberto e eles e você e eu e todos os homens, todos temos o mesmo Pai e tendo o mesmo Pai somos todos irmãos. Pedi-lhes que não queria conversas que se referissem a catolicismo, nem a nada que se referisse à Igreja. Você dir-nos-á se não o cumprimos porque nunca falámos disso e apenas lhe dissemos que você é meu irmão, e como tal, assim o cuidamos. Pós-se muito nervoso e dissemos-lhe, a nós o que agora nos interessa é a sua saúde, vamos ver se conseguimos que recupere, portanto, esteja tranquilo e descanse um pouco. Haverá que reconhecer que a graça compensa a sua obra. Novamente balbucia, estão loucas e muito sério repete, vocês sabem quem eu sou? Sou um desgraçado! Apenas lhe respondemos que se deve considerar feliz porque neste momento nada lhe falta, tem o que necessita, todas estamos ao seu redor, preocupamo-nos consigo, por trazer-lhe saúde e fazemos tudo o que está nas nossas mãos. Tanto o médico como nós procuramos o seu bem, que mais quere?

O seu estado agrava-se e um dia ao entardecer chama-nos e a chorar disse, sou o pior dos homens, não mereço que me tratem com tanto carinho, estão doidas. Respondemos, estamos doidas de amor pelo nosso irmão. Respondeu ele, não posso mais, chamem um padre. E para nos assegurarmos perguntámos-lhe, um “padre” de quem? Um sacerdote? Como tínhamos combinado com antecedência com o Padre Alves este passou pela porta dele para se informar do seu estado de saúde. Entrou e com indiferença falou de tudo e por fim, ele mesmo, pediu que queria reconciliar-se com Deus, a quem muito tinha odiado. Esta confissão foi feita, lentamente, e por fases porque a doença se agravava. Repetia, muitas vezes, que loucas que são, que cego eu vivi, que miserável é esta vida, com tranquilidade no meu interior quero morrer. Ao amanhecer do dia seguinte, depois de terminar a sua confissão e após receber os auxílios espirituais entregou a sua alma ao Pai comum de todos os homens. Que descanse em paz.

Por necessidade de assistência chamaram-nos a casa do Senhor Comandante da Polícia (1). A sua esposa encontrava-se doente com febre tifóide. Quando começou a melhorar o marido confessa-nos o projeto que tem de construir um edifício na serra para acolher as crianças, filhas de operários das fábricas. Incomodava-o vê-las com tão mau aspeto e doentes porque falta de ar puro. Já tem algum dinheiro e também ordem dos seus superiores para que quando ocorram descalços, ou atritos aproveitará para impor uma modesta multa e em paz tudo terminará para ambas as partes. O dinheiro das multas, por indicação superior, será aplicado a esse fim. O que necessitava era de uma Comunidade que se encarregasse da direção e administração do seu projeto e, só assim, daria início à obra. Como é apenas para os meses de Verão é-lhe

difícil encontra o pessoal que deseja. Ele disponibilizar-nos-ia o pessoal de apoio necessário. Apenas nos queria para levar o barco a bom porto. Respondemos que teríamos de expor a situação aos nossos superiores e segundo o seu beneplácito logo lhe dariamos a resposta. Ele pedia-a muita urgência porque desejava dar andamento a esta obra. Pela nossa parte seria fácil, porque no Verão diminuem os doentes e também seria benéfico para nós e com gosto o aceitaríamos. A resposta das nossas Madres foi favorável e comunicámo-lo ao dito senhor. Ele deu início à obra, construindo um edifício em plena serra chamada da Estrela, a 1700 metros sobre o nível do mar e a 22 quilómetros da cidade, prometendo o mestre da obra tê-la terminado no prazo de 18 meses, o que cumpriu. Na primeira semana do mês de julho do ano de 1939 foi inaugurada esta obra com o nome de Colónia Infantil da Montanha (2) e para lá fomos três irmãs, 180 crianças e com o pessoal necessário e suficiente. A casa estava repleta de tudo, porque a pedido deste senhor todos corresponderam com as suas ofertas em roupas, alimentos, loiças, dinheiro, etc. A inauguração oficial efetuou-se com uma missa campal e todos os domingos ia lá um padre para que todos pudessem cumprir com o preceito dominical. Servia de igreja o salão grande do refeitório, no qual pelo seu tamanho todos podíamos assistir a esta cerimónia. Nos dias de trabalho quase sempre contávamos com sacerdotes que sós, ou com as suas famílias, ou apenas para descansar lhes recomendavam a serra e aí, a poucos e poucos passou a existir uma capela. Ainda que pequena, dava para as pessoas que naquela zona tinham as suas casas, ou chalés e aí ouvíamos a missa todos os dias. Nos Sábados e Domingos o fundador desta grande obra aparecia com a sua família. A tantas crianças proporcionou este bem-estar, passando ali 20 dias cada turno. Por ano eram três, ou quatro turnos.

Tal como ele, a sua família preocupava-se muito com as crianças pobres, que não tinham casa digna, nem condições de vida. Era uma alegria para ele quando vinha à serra e via como os seus corpinhos recuperavam forças, mudavam de cor e aumentavam de peso, etc. Queria o melhor para eles. Nas mudanças de turno ali se encontrava ele para apreciar o que ali tinham aproveitado e como disfrutava Deus, que seguramente o premiará no Céu.

Diz a tradição que o bom dura pouco e assim sucedeu aqui. Este Senhor adoeceu e morreu. Com a sua morte foi substituído por outro que carecia de semelhantes sentimentos caritativos para com os necessitados, especialmente as crianças. A nós trata-nos com indiferença, sem atenção e pouco simpático. Ao aproximar-se o Verão de nada tratou, nem organizou sobre a ida das crianças. Começámos a prever que algo desagradável iria ocorrer, e assim foi. Quando o rio soa, água leva, e esta é uma das verdades de Pedro Grullo. Depois da morte do Senhor Comandante João José Amaro chega-nos aos ouvidos que o novo senhor anda em negociações com outra comunidade

de religiosas, as Vicentinas, para no próximo ano sermos substituídas por elas. O motivo que este segundo senhor alegava para preferir as outras era, segundo nos disse, que queria que falassem em língua portuguesa e não de outras nacionalidades. Gabava-se de ser bom português e amava, acima de tudo, a sua Pátria. Assim, sem motivos que o justificassem, na nossa maneira de ver, ainda que eventualmente os haja, terminou para nós esta grande missão em favor de tantas centenas de crianças e se tivéssemos aprendido a língua teríamos tido mais resultados nas nossas conversas e relações, por esta razão terminámos a nossa missão na Colónia Infantil da Montanha, no Verão anterior à morte do fundador, que ocorreu em março de 1943.

No decorrer desse ano morre também a Presidente da Comissão do Lactário (3), figura destacada pelos seus dotes de atividade e religiosidade e amor aos pobres. Senhora casada e com filhos, preocupadíssima com a Comunidade, não passava dia em que, pessoalmente, ou através dos seus filhos, empregadas e até o seu próprio marido, quando ela não podia, não perguntasse, ou mandasse perguntar, como estávamos, as crianças e até os nossos doentes. Como era muito culta e entendida livrou-nos de alguns apuros. Os seus emissários traziam-nos os recados, mas não no-los conseguiam transmitir. Muitas vezes entendíamos os recados ao contrário, por causa das nossas diferentes línguas. Às vezes era um martírio para nós e também para os nossos interlocutores. Esta senhora chamava-se D. Maria Adelaide Ranito Cruz Catalão. Que a sua alma descanse em paz e no reino de Deus.

Aqui, tal como neste mundo, tudo também tende a mudar. Parece que tem de ser assim, o que uns fazem com amor, paixão e sacrifício e às vezes com grandes contratempos e dificuldades, outros, ao desaparecerem os primeiros, creem que tudo deve mudar. Se é para melhor, tudo vai bem, mas na maior parte das vezes não é assim. Esta mania de querer fazer rapidamente o que os antecessores não puderam realizar, tentam os novos fazer e desfazer sem conseguirem nada que se aproveite e isso passou-se aqui no Lactário. Ocupa a presidência uma prima da primeira tesoureira do primeiro grupo, mas à sombra da primeira, que era excelente colaboradora. Esta é solteira, tem ainda os seus pais e irmãos, é de uma boa família, com bons sentimentos e cristãos. Como gente jovem que é pretende renovar, fazer alguma coisa que chame a atenção, mas o que vai é deitar por terra tudo aquilo que a sua prima fez e estava em pé e a funcionar às mil maravilhas. Em conclusão com um outro médico novo, de Castelo Branco e com o da casa, querem apoiar as mães e pensam em criar uma maternidade e lactário. O pensamento talvez não fosse mau de todo, ainda que para nós não tivesse nada de favorável nessa ocasião, porque as nossas Constituições não nos permitiam apoiar as mães e aos filhos diretamente. Os da nova Comissão propõem-nos que colaboremos, mas nós temos não podemos aceitar, face à impossibilidade da nossa Regra. Dizem-nos eles, então, que temos

de deixar a casa livre, porque o projeto vai avançar. Preferiam-nos a nós porque respondíamos a todas as situações e estávamos tecnicamente preparadas. Ainda nos disseram que em breve abriria uma escola em Castelo Branco, onde nos podíamos inscrever, assistir e adquirir os respetivos diplomas e novas competências. Consultámos as nossas Mães e a sua resposta foi, tal como já se esperava, que elas não podiam modificar as Constituições, o que era claramente proibido. Também consultámos o Ordinário do Lugar (4), mas a sua resposta deixou-nos geladas porque afirmou que éramos incompletas porque nos faltava o braço direito e sem este membro, tão necessário para humanidade, que podíamos nós fazer para bem dela? Saímos da sua presença desconsoladas. Contactámos, ainda, mais dois bispos e a resposta foi idêntica, ainda que os termos fossem diferentes, afirmando como as nossas Mães, que face à Regra não se pode, nem se deve fazer mais do que obedecer-lhe, o que era uma pena, porque podíamos fazer muito a um mundo que tanto necessitava de almas dedicadas, reduzir tantos males como os que se vêem a toda a hora e em todos os lados.

Para a Comunidade a solução estava clara, deixar a casa. Mas ficaríamos com assistência ao domicílio? Isto resultaria? Teríamos de alugar uma casa decente e onde a encontrar? Com a falta de moradias que então se sentia, a carestia das rendas, onde conseguiríamos o dinheiro e tudo e por nossa conta? Ninguém se comprometia a ajudar-nos. Erámos onze pessoas, que fazer? Arrumar as malas e regressar a Espanha? Isto custava-nos muito, depois dos trabalhos porque passámos por não entendermos os outros, nem sermos entendidas, e por tantas necessidades económicas. Agora que já estávamos adaptadas será com autorização de Deus, para que se cumpra o Evangelho não termos lugar permanente neste mundo? Partiremos para Espanha. Não teremos correspondido ao que Deus esperava de nós? Ter-nos-á faltado o Céu, a generosidade, a perfeita caridade? É Ele que sabe tudo!

Já tinham passado 12 anos trabalhando dia e noite, eram muitas crianças assistidas e alimentadas, eram as irmãs que estavam a nosso cargo, os milhares de crianças sob a nossa proteção na Colónia Infantil da Montanha, era a nossa Madre Concepción que ali estava esperando a ressurreição final, era os múltiplos ensinamentos adquiridos ao longo dos anos pelos sacrifícios e cansaço de todas as, enfim, um sacrário que iam fechar e tudo isto nos deixava muito tristes.

Ao terminar a guerra em Espanha, em 1939, algumas irmãs, sobretudo as doentes, regressaram à pátria. Como já tinha dito anteriormente, a Madre Concepción de Jesus, a número quatro da Congregação, já muito velhinha e das que ainda conviveu com a nossa Madre Fundadora, entregou a sua alma ao Senhor, ali na Covilhã, no dia 18 de junho de 1943. Sem estar doente, depois de 24 horas de cama, tranquilamente

voou ao Céu, aos 85 anos e três de permanência naquela Comunidade. Que a sua alma descanse na paz do Senhor.

Estávamos com estas preocupações, se ficaríamos, ou se partiríamos, quando chega o correio e traz uma carta dirigida nós. O remetente era desconhecido, pensamos que seria alguém a solicitar alguma de nós para cuidar de algum doente, como era frequente aparecerem estes pedidos. Contudo, estávamos equivocadas e a madre Jacinta brincou connosco, até que nos chamou a todas e comunicou-nos o conteúdo da carta. Era, na verdade, uma solicitação, isto é, uma fundação para, como ela dizia, novas missões dentro do país. Segundo dizia, quem escreveu a carta, haviam-no nomeado, poderíamos dizer, presidente da Misericórdia, mas não aceitaria esse cargo, se não encontrasse uma Comunidade a quem confiar esta obra, tão necessária nessa região. Dizia na carta que essa zona não era pobre, era pobríssima em todos os sentidos, tanto a nível espiritual, como a nível temporal. Dizia-nos, ainda, que aí teríamos largo campo para trabalhar, como bons trabalhadores na vinha do Senhor. Logo depois de o princípio informava-nos que não nos queria enganar, mas também queria que esta franqueza não nos desanimasse. Ele, com nossa cooperação, a ajuda de Deus, que já a tinha e com meios estatais pensava fazer alguma coisa em favor destas gentes e pedia resposta urgente e favorável.

A Madre Jacinta, junta com a Comunidade e com um mapa estendido na mesa bem procurávamos, mas não encontrávamos esse nome de Marvão. Procurávamo-lo na zona norte de Portugal, mas encontrava-se no sul. Alicerçávamos a nossa procura no nome do senhor que nos escrevia, porque como frequentávamos a fronteira de Vilar Formoso e líamos nos vagões frigoríficos o nome de Vivas (5), pensávamos que seria algum senhor dessa zona e que talvez até o conhecessemos. Depois de muito procurarmos vimos que era um sítio na zona da fronteira, perto de Valência de Alcântara e da família Vivas que já conhecíamos. Então colocava-se a dúvida, aceitar, ou não aceitar. A solução seria dada pelas nossas Mães. Como este senhor tinha pressa em saber a decisão, para não se perder tempo, nem se andar por outros caminhos enviou-se uma carta diretamente a elas, esperando que respondessem aquilo que acreditávamos ser o mais conveniente, tendo em conta que da Covilhã teríamos de sair e rapidamente. Ao mandarmos a carta, esta foi acompanhada de orações, súplicas e alguns sacrifícios, etc. para que, se fosse vontade de Deus, não saíramos de Portugal.

Elas aceitaram.

Na Covilhã, Deus o saberá, alguma coisa se fez de bem pelas almas e pelos corpos. Todas trabalhámos, todas fomos felizes e todas sofremos e quem neste peregrinar pelo mundo não o faz, não se alegra e não chora?

Nos doze anos que ali passámos o Senhor suscitou duas vocações. A primeira foi uma jovem, de famílias médias, que tinha ainda os seus pais ainda vivos e também dois irmãos. Ela era amada por todos e foi educada com esmero cristão. Tinha 15 anos quando nos fez a primeira visita. Na segunda visita já deixou vislumbrar o espírito que a movia para vir a ser religiosa e da nossa Congregação. Nós pensávamos que fossem fervores passageiros e dizíamos-lhe que sendo aluna das religiosas Doroteias porque não as preferia? Ela respondia-nos que gostava mais de nós. Mostrávamos-lhe como levávamos uma vida pobre, de sacrifício e, como vês as nossas missões são duras, acompanhamos os doentes, as crianças, etc. Dizia que não se importava com isso, é o que desejo e quero ser religiosa. Olha que és muito jovem e terás de esperar mais alguns aninhos. Para além disso a tua família quere-te muito e será que te autoriza? A minha mãe sim, mas o meu pai e os meus irmãos não, porque eu já lhes perguntei a sua opinião e responderam-me que nunca consentiriam que fosse religiosa, mas eu quero sê-la. Desta forma, se Deus me quere, Ele tratará de tudo para que os meus desejos sejam concretizados. Também confio na Santíssima Virgem que suavizará os obstáculos que seguramente me venham a aparecer. Embora seja jovem não me acobardarei. Na verdade, muito tive de sofrer por parte do seu pai que a enganava. Um dia dizia que sim e no outro que não. Dizia-lhe, prepara as coisas para que no mês que vem te vás embora, chegava o mês e negava-se. Ela sofria e muito, mas ocultava-o da sua mãe. Era esperta e aconselharam-na a que tivesse uma folha de papel oficial à mão sempre que falasse com o seu pai, para ver se conseguia que ele o assinasse. Assim o fez e deu resultado, porque um dia em que lhe pediu autorização disse-lhe, meu pai assina aqui que eu faço o resto e depois mostro-lhe, não quero fazer nada sem que o meu pai o veja. Assim o fez. Tanto a ele, como à mãe, custou-lhes muito este grande sacrifício. Mais tarde tiveram a felicidade de nos visitar e até os acompanhámos na sua última doença, morrendo ambos cristãmente. Ela teve sempre muito bom espírito. O Senhor visitou-a com uma doença cardíaca, e que lhe custou várias crises e por último sucumbiu na Póvoa do Varzim, ainda jovem. Ali descansam os seus restos mortais, esta jovem chamava-se Maria Adelaide Gomes Prata e na vida religiosa irmã Margarida, Deus a tenha em paz.

Como o Senhor não se deixa vencer em generosidade, não foi só esta vocação com que nos presenteou, foi mais outra que continua nas nossas hostes gastando todas as suas energias em prol da humanidade fazendo coro connosco. Esta irmã chama-se Ana Leal Farinha, que em religião se passou a chamar Irmã Fátima. E como continuamos na Covilhã quero mencionar as saídas para fora da cidade, aquelas que nos foi possível atender. A primeira foi em Castelo Branco, a segunda na Guarda, a terceira em Lisboa, a quarta em Teixoso, a quinta em Pinhel, a sexta nas Penhas Douradas. Muitas mais tivemos, mas a alguns doentes negámo-nos a atender por serem

muitas as famílias que nos solicitavam ajuda. Em vários casos alternávamos com as pessoas chegadas ao doente, uma noite eles e outra a religiosa, sobretudo quando a doença se prolongava, mas quando o trabalho diminuía então atendíamos o doente durante o tempo todo.

Antes de continuar contarei alguns das situações complicadas que ocorreram por causa da língua. A primeira vista parece fácil, mas não o é. Com pessoas pouco cultas custamo-nos a entender. É um idioma diferente, a vocalização aparenta ser idêntica, mas no final da frase, ou da palavra não o é. Esta situação não ocorre com tanta facilidade junto dos mais letrados, estes apenas dizem que os espanhóis falam muito rapidamente. No princípio, uma senhora foi-nos visitar, era uma das da Comissão e por esse motivo visitava-nos com muita frequência. Um dia, cumprimenta-nos a todas e diz que vinha para ver como nos estávamos a entender, o que todas muito agradecemos. Uma das irmãs disse-lhe que não imaginava o favor que nos fazia e o muito que lhe agradecíamos que viesse passar estes momentos [ratitos] con-nosco. De imediato a senhora começa a olhar para todos os lados sem dizer nada, a ficar inquieta, cheia de nervos e com vontade de se ir embora, o que provocou em nós muita admiração. Então perguntamos-lhe se se estava a sentir indisposta, oferecemos-lhe um chá, que aqui se usa muito em casos de má disposição. Ela não o aceitou e insistimos para que nos dissesse o que estava a sentir. Respondeu apenas que não suportava esses bichos, que é superior às suas forças. Dissemos-lhe que ali não havia qualquer bicho, pelo menos não os víamos. Ela insiste que sim, porque a irmã tinha acabado de dizer que sim, que havia. Foi quando viemos a descobrir que a irmã ao dizer que agradecia que nos viesse visitar nestes momentos [ratitos], entendeu que ali na sala havia ratos [ratones], porque em Portugal chamar rato ou ratito a estes animais não tem o mesmo significado. Então a senhora ficou indisposta e custou-nos muito a tranquilizá-la. Depois, como é natural, tudo terminou em risotas, mas custámos a convencê-la. O dicionário português tem palavras iguais, mas com significado muito diferente do espanhol. Aqui não se costuma dizer “porra”, porque é do mais baixo e ordinário que existe para os portugueses. O mesmo se passa com “cuna”, esta palavra utilizam-na as pessoas malcomportadas, e muito desonestas, mas para nós é normal, tanto uma, como a outra. Tinha vários casos para contar, contudo, estes são suficientes para se fazer uma ideia e se compreender o que passámos no princípio. Hoje dizemos às que chegam de novo que são mais felizes, porque com estas e outras coisas já lhes abrimos o caminho.

Na Covilhã todos são muito atenciosos e delicados connosco. Desde o princípio vieram bastantes pessoas visitarmos, algumas quando têm problemas nas suas casas, ou doenças e também alegrias. Também algumas famílias nos escrevem, especialmente, pelo Natal. Reconhecem o bem que lhes fizemos.



Sea
toda nuestra vida
un
acto de amor.

MADRE MATILDE

LA SIERVA DE DIOS M. MATILDE TELLEZ ROBLES, fundadora del Instituto de «Hijas de M^a Madre de la Iglesia», nació en Robledillo de la Vera (Cáceres) —España— el 30-V-1841. Abre la primera Casa de la Congregación en Béjar (Salamanca) el 19 de marzo de 1874. Murió santamente en Don Benito (Bajoz) el 17 de diciembre de 1902.

De espíritu profundamente eucarístico y mariano, practicó en sumo grado las virtudes fundamentales cristianas, destacando sobre todo en la caridad, por la vivencia de un ardiente amor a Dios y de una generosa entrega al servicio de los hermanos, de los enfermos, los pobres, las jóvenes y las niñas especialmente huérfanas y necesitadas. Desde 1978 está introducida canónicamente su Causa de Beatificación.

NOVENA

Oh Dios, amor sustancial y eterno, que infundiste en tu sierva la Madre Matilde el ideal del amor eucarístico y una ardiente caridad para con el prójimo, especialmente para con los enfermos y niñas necesitadas.

Te suplicamos, Señor, la pronta glorificación de tu sierva ante la Iglesia; que nos ayudes a crecer a imitación suya en la caridad y te dignes concedernos por su intercesión la gracia que con filial confianza te pedimos, si es para mayor gloria tuya y bien nuestro. Amén.

Petición y Padrenuestro.

(Para uso privado) Con licencia eclesiástica

Se ruega comuniquen las gracias recibidas por intercesión de la M. Matilde a: Secretariado para la Causa de Beatificación de la M. Matilde. C/ Marqués de Viana, 45. 28039 MADRID. O a cualquiera de las casas del Instituto.



Nossa Senhora da Estrela
MARVÃO

Quando comprámos a casa na Póvoa do Varzim visitámo-la, talvez por quatro vezes, nós e outras famílias. Sempre fomos muito bem recebidas e acarinhas por todos. Mas nunca aí estivemos mais de quinze dias, para não piorar a situação financeira daquela Comunidade.

Parece-me que não disse que passaram pela Covilhã, provenientes da nossa pátria, bastantes irmãs, umas iam, outras vinham. Passado o tempo determinado pelas nossas Constituições, algumas irmãs confirmaram ali os seus votos, nas suas várias etapas, correspondendo sempre com generosidade. Tanto a Irmã Angeles de la Calle como a Irmã Covadonga visitaram-nos durante essas festividades. Como estávamos em plena guerra a Casa da Covilhã quis apoiar generosamente as outras casas dando grandes donativos, em géneros e dinheiro, para os hospitais, onde estas irmãs e outras trabalhavam. Grandes fardos tiveram de suportar, que Deus as recompense nesta e na outra vida e também a outras religiosas que colaboraram nesta missão.

Penso que cada nação tem a sua língua e está bem. Cada terra tem os seus usos e modos de viver, cada qual com o seu estilo próprio, para nos fazermos distinguir, contudo, creio que no Céu falaremos todos a mesma língua, a língua do amor e todos nos entenderemos.

Pensarão todas as minhas irmãs que tinha perdido a orientação que levava, mas eu digo-vos que não. Como ainda estamos na Covilhã não faz mal fazermos algo para dar tempo à nossa Madre Geral para pensar, resolver com o seu Conselho e responder ao Senhor Vivas se aceitam, ou não a fundação em Marvão. Como lá dizíamos, para acelerar a resposta, em vez da Madre Geral responder diretamente ao dito senhor, creio, foi mais conveniente fazê-lo por aqui. Recebeu, então a Madre Jacinta a resposta para dar conhecimento ao Senhor Vivas e respondeu-lhe rapidamente. Como era favorável, o dito senhor acolheu a resposta com entusiasmo, dando o seu sim à comissão que o havia nomeado presidente.

As nossas Madres dizem que era conveniente ver primeiro a casa, a povoação, dialogar com as pessoas e como disse a nossa Madre Fundadora, quero que todos nos recebam agradavelmente. Ela assim o comunica ao Senhor Vivas e este concorda completamente.

Estamos em novembro de 1944, nos últimos dias desse mês e marcaram a visita para dia 26 de dezembro desse mesmo ano.

Chegado esse dia empreendem a viagem para Marvão. Num dia frio a Madre Jacinta, acompanhada da Irmã Narcisa vão de comboio até meio caminho, até Vila Velha de Ródão, onde se une o nosso Rio “Tajo” com o português que daqui caminham unidos até juntar-se com o “Tejo” em Lisboa. Aqui esperava-as um carro, propriedade

do futuro presidente. Tomam-no e seguem caminho até ao “Baixo Alentejo”, onde se encontra Marvão - Beirã.

Estava um dia de inverno muito rigoroso, desses dias de céu cinzento, com vento de frígido, na temperatura mais baixa, própria para congelar. Sob este clima andam e mais andam, até que o carro disse, não ando mais. Tudo por causa do grande nevão que caíra sobre esta região para onde se dirigiam. Para chegar ao seu destino ainda faltavam alguns quilómetros. O local era solitário, o telefone ficava distante, que fazer? Disse, então o chofer, aqui não podemos ficar, irei ver se consigo chegar onde haja algum telefone para comunicar o que aconteceu. Elas ficaram muito bem fechadinhas dentro do carro e o bom homem vai por aqueles caminhos até encontrar um telefone, que nessa altura por aqui poucos havia. Às nossas viajantes as horas pareciam-lhes anos. Tudo era desconhecido para elas. Depois de passar muito tempo, veem vir do lado oposto, ao que o chofer tomou um outro homem, bem vestido e sobretudo muito bem encapotado, com um grande pau na mão direita e na esquerda uma bela cesta. As irmãs ficaram com algum receio e desconfiança e mais ainda quando ele se aproximou delas a tal ponto que se encosta ao carro e cumprimenta-as. Diz-lhes que sabe o que aconteceu, entrega-lhes a cesta e repete, Sr. Vivas, Sr. Vivas. Depois perguntou-lhes porque tiritavam tanto e elas afirmaram que era por duas razões, o frio e o medo. Recolhem a cesta com muito cuidado porque entenderam que era para a entregarem à Família Vivas. Depois de passar algumas horas chega uma charrete, ou carro de cavalos, para as transportar até à residência do Senhor Vivas, onde chegaram com bastantes dificuldades e muito medo, porque os caminhos eram muito difíceis de percorrer e devido à neve tinham-se tornado muito perigosos, mas, graças a Deus, chegaram sem mais incidentes. O que lhes aconteceu até foi bom, cremos, aproveitaram-no para cimentar a obra que iríamos empreender e como Deus é a sabedoria por excelência, assim o disporia para Sua glória e proveito daquele povo, bendito seja no todo e por todos.

Chegadas à Beirã foram recebidas muito carinhosamente, depois de terem descrito tudo o que tinha acontecido entregam a tal cesta ao senhor Vivas, porque pensaram que a ele era destinado e continuaram nos seus lamentos. Esta família, por telefone, pediu ao senhor Jeremias, que morava na zona, que acesse, imediatamente, às irmãs que se encontravam, em tal sítio, bloqueadas pela neve. Ele pensando nos perigos do frio e no cansaço preparou e colocou num cesto uma boa e reconfortante refeição que se destinava a elas, como depois comprovaram, e que lhes entregou no meio da neve. Mas o que as teria mesmo reconfortado teria sido um café com leite, bem quente. Mas, sem dúvida que ao Senhor recém-nascido e tiritando de frio assim o disporia para consolidar esta grande obra de misericórdia que se procurava realizar. Deus a seguir deu-lhes ânimo e com o carinho desta família, que até hoje perdurará e com a ceia e com a cama tão confortável descansaram naquela noite.

No dia seguinte, que amanheceu menos mal, junto a um bom brasileiro tomaram o pequeno-almoço, conversam e acertam os tramites necessários. Como esta povoação se encontra na encosta do morro e cume da serra onde se localiza Marvão, a neve ao meio-dia estava quase derretida, o que não acontecia ainda no alto da serra, mas com muito cuidado aí se deslocaram, onde os esperava o grupo de colaboradores.

O edifício era e é grande, um antigo convento de frades Franciscanos, construído por eles, muito deteriorado, muito limpo, mas muito destruído por todos os lados, telhados, tetos, paredes e apenas tem uns os móveis e algumas roupas. Não tinha luz elétrica, nem água. Nenhuma boa via de comunicação, péssimos caminhos, poucos simos telefones em toda a região e, acima de tudo, sem bens materiais propriedade do organismo com que se pudesse contar para as primeiras e urgentes necessidades. Para a obra que se propunham realizar, apenas tinham, uma grande confiança no governo estatal e no grande otimismo de todos.

Depois, no dia 28, ao regressarem à Covilhã, pelo mesmo caminho, as nossas viajantes não dissimulavam a grande preocupação que traziam. Contavam-nos o que tinha acontecido e pensávamos que seria esse o motivo pelo qual continuavam pouco animadas com esta nova responsabilidade. Por outro lado, pressionam-nos para deixar o lactário. A Madre vai novamente informar Madre geral. Cartas vão e cartas veem, umas dizem para que nos apressemos a sair e outras para que partamos rapidamente. Do Senhor Vivas chegam notícias entusiasmantes, já se iniciaram as obras que a Madre Jacinta pediu, já estão a fazer isto e aquilo. As reparações na clausura ficam prontas esta semana, etc. Enfim, todos com pressa, tal como quando a nossa Madre Fundadora reuniu com as suas jovens congregadas, tudo rápido aqui, como ali, dizíamos, mas ainda temos coisas para resolver, crianças a nosso cargo, comprometas no acompanhamento de doentes, trabalhos domésticos na nossa casa, etc, etc. Para tudo nos dão soluções, as crianças, que trouxésemos connosco, o que não fizemos, porque era uma grande responsabilidade que iríamos assumir e por tempo indefinido. Algumas crianças entregámo-las aos familiares mais chegados, outras foram para outras instituições e uma foi para Bejar. Os doentes, uns recuperaram a saúde, outros voaram para a casa do Pai, no Céu. De Marvão disseram-nos para que não vendéssemos nada dos nossos pertences, porque tudo nos seria comprado pela Misericórdia e que nos mandariam um camião para os transportar. Disseram-nos para indicarmos um dia para se tratar de tudo. Com todos os problemas resolvidos, acordámos o dia 22 de abril do ano de 1945 para a nossa partida da Covilhã em direção a Marvão. Como apenas pediram quatro religiosas e a Comunidade era composta por oito, quatro regressaram a Espanha e quatro foram destinadas para Marvão, a Madre Jacinta Superiora, a Irmã Teresa Quintero, a Irmã Narcisca e a Irmã Celedônia.

Aproxima-se a data combinada, as coisas pela nossa parte estão todas prontas. No dia 20, à tarde chega o tal camião. Apesar de já estarmos à espera estávamos todas muito tristes, mas tem de ser assim, porque esta é a vontade de Deus. Com muita pena e algumas lágrimas começámos a encher o que mais parecia ser um vagão, onde tudo tinha de caber. Depois de preparado e fechado hermeticamente, demos jantar e arranjámos dormida para o chofer. Muito cedinho toca a andar até Marvão e nós já mal acomodadas nessa noite, no dia 21 saímos a caminho da estação para apanhar o comboio que nos levaria até meio caminho, como já disse atrás. Acompanha-nos a fiel Mercedes que até hoje continua ao nosso serviço e da casa. Nestes últimos dias a sua irmã Maria e também a sua mãe ajudaram-nos e muito a preparar, a empacotar e a colocar as coisas no camião. Deixámos as duas na sua casa porque ficava em caminho. As cinco seguimos de comboio até onde nos esperava um carro. Porque fomos de comboio chegámos de noite “noite” e assim terminámos a nossa viagem a meio da tarde “a media tarde”. Esperavam-nos a Família Vivas, hospedando-nos na sua casa até ao dia seguinte, 22 de abril de 1945, para que depois do meio-dia tomássemos conta desta nova grande missão. Pelo caminho encontramos as crianças das escolas com as suas batas brancas, acompanhadas dos seus respetivos professores e famílias, cada um ia na viatura que podia, que alguns proprietários puseram à disposição da vila e aldeias e acompanharam-nos todos felizes, porque vinham umas senhoritas para abrir o hospital. Todos com trajos domingueiros e os que vinham em burros, cavalos e carroças traziam-nos engalanados com verduras, flores, disticos e algumas bandeirolas. À medida que nos íamos mo aproximando do lugar mais ouvíamos os estrondos dos foguetes e bombos e o nosso coração encolhia-se na caixa torácica. Por fim chegámos ao sítio onde íamos ficar. A segunda imagem que guardo depois do que já referi foi a entrada da Igreja onde estava erguida uma grande tribuna, ou palco onde estavam as autoridades civis, militares e eclesiásticas. Não sabemos como este Senhor Vivas conseguiu movimentar tanta gente. Porque já tínhamos passado a Quinta-feira Santa, no nosso interior todas sabíamos que hoje era Domingo de Ramos. Como é normal em abril o dia fez de tudo, vento que por ser um sítio alto é muito frequente, algumas pingas de chuva, sol e granizo. O que valia era que os que se molhavam secavam rapidamente com o vento e com o sol. Ordenam-nos que subamos ao palco e ali as quatro freiritas juntam-se com as autoridades das diversas entidades. Começam a ler um pergaminho pelo qual nos entregam a chave e a responsabilidade desta obra para benefício dos que dela necessitem. A direção cooperará connosco e o Presidente promete, publicamente, trabalhar junto das autoridades competentes para levar a cabo o que tinha prometido. Estava presente o Presidente da Câmara (6), o Governador Civil (7), e também o representante do Bispo (8) e todos nos prometeram dar apoio. Direi mais à frente como tudo estava ao abandono, especialmente no que se

refere à vida espiritual. Com discursos e aplausos apresentam-nos um documento para nele colocarmos as nossas assinaturas, fizemo-lo, mas muito nervosas. Terminado esta cerimónia o povo que tinha assistido partiu para as suas casas. As pessoas autorizadas, conjuntamente com a direção, acompanharam-nos numa visita à casa e outras dependências das quais pouco nos apercebemos perante a grandeza e a emoção em que nos encontrávamos.

Como se aproximava a noite regressámos à Beirã onde jantámos e dormimos. No dia seguinte, dia 23, é que tomámos plena consciência do que tinham decorrido no dia anterior. Acompanhou-nos o casal, Dona Maria e o seu esposo, senhor Manoel Vivas, com alguns colaboradores mais próximos. A Madre, logo nesse dia, determinou as obrigações de cada uma de nós. A Irmã Teresa seria a enfermeira das mulheres, a Irmã Narcisa a dos homens, a Irmã Celedónia ficava responsável pela cozinha. Poucos poderes havia e menos a quem entregá-los.

Estavam internados quatro homens e três mulheres. Ao visitá-los a madre encontrou um pobre doente na cama tapado apenas com meia manta e com o seu velho capote todo comida pela traça. A outro encontrou-o caído fora da cama porque esta está desfeita, uma das ilhargas tinha-se partido e o que a segurava era uma corda. A madre ao ver este quadro disse ao encarregado daquele estabelecimento que só o seria até esse dia. Era um casal jovem, com dois filhos pequenos, que passado pouco tempo foram enviados para Lisboa. Respondeu o encarregado que não fazia mais do que lhe estava determinado. Pediu ao Presidente que lhe dissesse onde estava o que tínhamos trazido da Covilhã. Desatámos os fardos para retirar roupa pessoal e de cama para os doentes, por que ela não os podia, nem os queria ver assim, com tão pouca roupa nas camas e com tanto frio.

Aqui só há duas estações, o Inverno, que dura nove meses e o Verão que são três e numa casa que mais parecia um grande frigorífico. Nos dias de chuva havia goteiras por todo o lado, penetrando pelas aberturas que havia nas paredes e o chão era frio e húmido, etc.

Descrevo isto para que façam uma ideia de como estava esta casa, isto no que diz respeito ao material, agora vamos à parte principal, a moral e espiritual destas gentes. Aqui não havia nenhum sacerdote que catequizasse as crianças, nem os jovens, nem os adultos. Vinha, nalguns domingos, um sacerdote dizer a santa missa, não muito velho, mas doente, que morava noutra povoação chamada Escusa. Havia outro sacerdote muito idoso que vivia em Portalegre, mas que nunca por cá aparecia. Com a nossa chegada ofereceu-se, muito agradavelmente para nos servir de capelão, mas nem um, nem o outro tinham meio de transporte para se deslocarem até aqui.

O segundo comprometeu-se a vir todos os dias, se pudesse dizia a missa, se não, apenas nos dava a Sagrada Comunhão. Muitos, muitíssimos dias esperámos por ele às vezes até às nove, às dez e às onze e vendo que não aparecia começávamos a tomar o pequeno-almoço. Apenas tínhamos dado as primeiras colheradas de café com leite e o bom do sacerdote lá aparecia suspirando, cansado e às vezes todo ensopado, suportando as inclemências do vento que lhe dificultava subir a ingreme encosta. Grande sacrifício para ele que se deslocava até aqui e também para nós. Deus todo-poderoso o tenha recompensado com um lugar no Céu.

Tudo isto começou-se a remediar no próximo mês de setembro que a pedido da Comunidade e do Sr. Vivas, como tinha prometido, o Senhor Bispo nomeou um sacerdote para residir aqui e desde este local cuidava espiritualmente a toda esta circunscrição. Desde então e até ao presente não nos faltou assistência religiosa.

Como nos tinha prometido o Senhor Vivas antes da nossa chegada as obras de restauro, adaptação e demais necessidades já se tinham iniciado. A Madre Jacinta iniciou a sua missão falando com os pedreiros e outros trabalhadores, informando-se da sua situação e da dos seus filhos, dos meios que tinham para o sustento das suas famílias, reconhecendo que quase todos viviam com muitas dificuldades económicas. Viviam do contrabando e o que ganhavam numa semana perdiam no numa hora. Existia muita pobreza, isto no âmbito material, na espiritual a miséria ainda era maior. Casais ilegais, filhos sem batizar, todos analfabetos e sem haver quem lhes fale de Deus. Neste estado de ignorância formavam lares, melhor dizendo, os filhos constituíam famílias imitando os seus pais e assim sucedia sucessivamente. Podemos dizer, a bem da verdade, que não o faziam por maldade, era devido às circunstâncias e à falta de sacerdotes que se interessassem pelas suas almas. Era esta realidade que muito claramente nos informava o senhor Vivas nas suas primeiras cartas. Como já disse, com esforço de todos, conseguiu-se que todos se casassem e se batizassem os que ainda não estavam. Também todos os anos, desde 1946, nos meses de março, ou junho promovia-se a cerimónia da primeira comunhão, ou ao sair da escola, a comunhão solene. Nunca faltou aqui, deste então, um sacerdote, que apesar dos maus caminhos e muito trabalho atendia espiritualmente a todos. Organizou missões diversas, também influuiu e muito para a visita da Virgem peregrina de Fátima para despertar a fé nesta gente e avivar os seus espíritos muito adormecidos.

Houve um que para se vangloriar, ou fanfarronar quando lhe falaram em casar nos disse que sim, que estava disposto a fazê-lo. Ele e a sua companhia tinham oito filhos e trabalhava em casa, mas pôs como condição que o tinham de levar à igreja em automóvel, mas nessa altura havia tão poucos. Foi o próprio Senhor Vivas que os levou no seu próprio carro e casaram, mas hoje encontra-se muito doente.

Passados os primeiros cinco anos já tínhamos luz elétrica, água canalizada, esgotos, estradas, telefone e a casa já estava bastante reparada. Agora que já temos melhores estradas já abundam os automóveis e a casa até já dispõe de um. O povo já tem vários meios de transporte e um autocarro, pelo menos três vezes por dia.

Não quero avançar sem relatar o que aconteceu em diversas ocasiões para mostrar como o Senhor pede e permite provações e sacrifícios e às vezes muito custosos à natureza humana. Chegámos aqui no dia vinte de abril. No dia doze de maio, portanto passados vinte dias, a irmã Narcisca cai ao descer dum poial com quatro degraus e com tão pouca sorte fratura a perna em dois locais, tanto na tibia, como no perónio. Aconteceu de noite, mas imediatamente chamámos o médico que de pressa se apercebeu e diagnosticou dupla fratura. Chamou o farmacêutico e os dois, à luz de um candeeiro a petróleo, nessa mesma noite a engessaram. Tanto para ela como para nós foi uma noite trágica ou como lhe queiram chamar. Ela, a Irmã Narcisca sofreu com valentia, aguentou corajosamente o tratamento e nós assistíamos sem em nada lhe poder valer. Assim passou três meses. Passados estes meses verificou-se que não podia andar. Primeiro, devido ao tão longo tempo que ficou imobilizada as suas articulações tinham-se atrofiado. Segundo, a consolidação ficou muito defeituosa. A pobre Irmã teria de continuar o resto da vida com o seu martírio. Seria necessário para completar o que faltou na Paixão de Cristo, segundo diz S. Paulo e também para provar o seu amor ao Crucificado, pela nossa salvação e de todos os homens e para cimentar esta obra, Deus nos seus altos designios Ele saberá o porquê e para quê, seja bendito por todos e para sempre. O senhor Vivas e a madre Jacinta vendo como estava doente a Irmã Narcisca e de acordo com o médico decidem levá-la para Lisboa. Dizem-lhe aí, depois de a terem radiografado, que para melhorar um pouco o seu estado deveria ser internada e operada. Teriam de voltar a partir a tibia e o perónio e remediar o que tinha sido mal feito, para que estes ossos se consolidassem como deveria de ser e assim, por este meio, tentar que eles se unam devidamente. E lá vai continuar a nossa irmã o seu martírio, com espírito de abnegação, de fé em Deus e esperança na ciência dos médicos e disposta a sofrer. Fazem o que acham por bem e passados os dias que consideraram convenientes mandam-na para casa. Regressa de carro e ao contrário de imobilizada dizem-lhe que se mova para que a perna não fique presa, o que ela fez como lhe ordenavam, ficando, mesmo assim, um pouco defeituosa. (9) No dia que partiu para a capital, tanto ela como nós, estávamos muito desanimadas. O chofer que a conduziu ao hospital, para a animar um pouco, deu primeiro um grande passeio por Lisboa e assim sempre lhe aliviou um pouco as suas preocupações.

Devido a esta situação a Madre Geral vendo que o movimento da casa aumentava constantemente envia mais duas irmãs como reforços, porque a Irmã Narcisca, entre umas coisas e outras, durante sete meses, não pode fazer nada.

Os doentes começaram a fluir em grande número. Naquela época apareciam muitos doentes atacados de carbúnculo, que era provocada pela picada de mosquitos e que provocava a morte. Hoje são raros os casos que ocorrem, pelo contrário aparecem bastantes casos com cancro, esta doença é incurável e se está localizada nalguma parte externa do corpo causa muita impressão.

No segundo ano, no próprio dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, trazem-nos uma jovem de dezasseis anos muito doente, que segundo ela era devido à extração dum dente feita por “aficionado” ou “curioso” como dizem aqui. Infetou-se de tal modo que a sua cara era monstruosa e mesmo todo o seu corpo. Ao examiná-la para ver o que tinha e fazermos os primeiros curativos encontramos no seu corpo várias cavidades, especialmente nas pernas. Para melhor a podermos cuidar, introduzimos uma sonda e começaram a sair da medula dos seus ossos como se fosse uma manada de vermes que saíam por vários orifícios. Pobre Fernanda (10), ainda em vida já estava a alimentar tantos bichos. Muito devia de estar a sofrer esta alma e tão calma, tão resignada, tão agradecida e o que sofria com tantas dores e em todo o seu corpo. O Senhor a reteve neste mundo por algum tempo e quando Ele quis levou-a ao Céu, como nós cremos, porque era boa de verdade e piedosa. A esta doente quem tratou foi a Irmã Teresa Quinteiro, as outras aguardávamos o seu desenlace.

Passados não muitos anos o pai desta jovem também foi internado neste hospital. Era bom homem, de bons sentimentos cristãos e sério. Atormentava-o uma úlcera gástrica com frequentes hemorragias, encontrava-se muito desnutrido e sofria muito. Quando compreendeu que estava a chegar o seu fim pediu que viesse o sacerdote e como este saía da sua casa pela manhã e só regressava, quase sempre só à noite. Demorou a chegar porque era só ele e o seu território era extenso e o seu meio de transporte era um cavalo. Mas o doente pedia com insistência que queria um sacerdote. Por fim aproxima-se a noite e chega o ministro de Deus que ouve em confissão esta alma, administra-lhe a santa Unção e poucos minutos depois entrega a sua alma nas mãos do Senhor, deixando-nos edificadas a todas. Descanse na paz do Deus. Tinha uma filha casada e o seu marido encontrava-se encarcerado em Cáceres devido ao contrabando. Este casal tinha dois filhos. O maior com cinco anos e o outro seis meses. Esta família, como muitas outras que por aqui existem, passavam muitas necessidades. Um dia o filho mais velho chama uma vizinha e diz-lhe que viesse à sua casa porque o irmãozinho chorou toda a noite porque a mãe não lhe respondia. O mais velhinho bem o chegava ao peito da mãe, mas ele não queria mamar e dizia que a sua mãe não falava e estava fria. Disse a vizinha que o pobrezinho tiritava tanto de frio que dava pena vê-lo. Chega com o menino à choça (11) e qual não foi o seu espanto encontrou a Natércia (12) morta. Pensa-se que tenha sido uma pneumonia que a fez sucumbir. Nesse mesmo dia o Senhor Vivas traz-nos as duas crianças para

que aqui fossem internadas e trata do funeral da mãe. Os dois meninos permanecem aqui até sejam mais crescidos tomando, então, conta deles o seu pai que, entretanto, já contrairá segundo casamento. Passados poucos anos a sua avó foi aqui internada por estar sozinha e sem poder trabalhar, onde terminou a sua vida. Bem dizia o Senhor Vivas nas suas primeiras cartas, o caso desta família é bem triste, não vos parece?

Entre muitos casos vou a expor outro. Nas vésperas do dia da Virgem do Carmo, apresenta-se o Senhor Vivas com uma trouxa grande nos braços e atrás dele duas mulheres que seguravam outra que vinha no meio delas e que mal se podia endireitar e andar. Que quadro, Deus meu. Era uma mãe que tinha dado à luz pela primeira vez há três dias, detrás duma parede. Não tinha casa, nem cama, nem nada. Traziam-nos como os tinham encontrado. A criança envolta nuns trapos e por cima uma casaca rota de homem, muito suja e malcheirosa. A mãe estava totalmente enfraquecida. Que grande desgraça, mãe e filho, ficaram aqui conosco. Criou-se e cresceu a criança e hoje tem vinte e oito anos. A mãe foi transferida para um lugar próprio para ver se podia recuperar os movimentos dos seus membros.

Quando aqui chegámos já havia doentes e anciãos e até hoje continuam. Em 1948 começaram-se a admitir crianças de ambos os sexos. Chegámos a juntar 110 meninas e 80 meninos. Que pena dá ver estas criaturas tão desgraçadas, mas o tempo passa e uns e outros foram crescendo. A casa sempre lutou com muitas e variadas dificuldades em todos os sentidos, falta de meios financeiros e falta de pessoal. Tentou-se por várias vezes criar postos de trabalho para estes homens e mulheres que aqui se iam criando. De acordo com a Madre Fundadora, quando nada resulta e perante essa impossibilidade, então e em colaboração com o Ministério de Protecção de Menores fez-se um minucioso inquérito. As famílias que reunissem as condições necessárias entregam-se-lhe as crianças já crescidas. Outras colocam-se em instituições idênticas terminando assim, em 1968, o asilo de Marvão. O Governo de então começou a preocupar-se com as crianças deficientes e rapidamente assina-se um contrato com o Ministério da Saúde e para aqui vem o primeiro grupo destas meninas doentes e que vão gradualmente aumentando. Aqui acolhemos nessa altura cinquenta crianças deficientes. Umas recuperam, outras não e outras voam como pombas para a casa do Pai para fazerem o seu ninho no paraíso celestial.

Nesta casa fez-se muito, mas fica por fazer muito mais. Está em construção um novo pavilhão com três pisos e toda a casa necessita de ser ampliada para melhorar as condições e de grandes reparações. Estamos na expectativa do que sucederá depois do pavilhão terminado. Aqui neste país, como em todo o mundo, vive-se em constante incerteza sobre o futuro. Todos os cidadãos, mas principalmente as Congregações



1972, visita de Marcelo Caetano a Marvão, vendo-se Sr. Celestônia na segunda fila à esquerda do Conselho de Ministros.

religiosas, com estas novas modalidades de horários e privilégios não se sabe o que nos espera. Antes do vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro estas obras estavam planeadas e previstas. Com o novo regime tudo parou, mas hoje parece que se conseguiu que as obras vão para a frente, esperemos que Deus assim o queira.

Vou dar uns passos para trás porque creio que seja conveniente relatar estes fatos.

Passados dois anos de aqui estarmos uma das irmãs foi sujeita a uma intervenção cirúrgica realizada em Portalegre, numa clínica ali existente (13), primeiro por intermédio do Senhor Vivas, que era conhecido do proprietário e dos cirurgiões que ali trabalhavam e segundo porque como ficavam apenas duas irmãs na casa, em caso de necessidade a Madre que acompanhava a doente, poderia resolver qualquer problema porque ficava perto de casa. A operação correu bem, o internamento durou quinze dias e as duas regressaram a casa. Estes senhores já tinham escrito a pedir



Realização de uma cirurgia, na Casa de Saúde, em Portalegre, com a presença das irmãs

religiosas da nossa Congregação para a sua clínica o que, como sempre, se transmitiu à Madre Geral. Ao termos tido necessidade de nos instalarmos ali alguns dias comprovámos que era necessária uma comunidade neste centro, porque o pessoal que tinha era incompetente e desprovido de responsabilidades para com os doentes que ali acorriam. Bem vimos isso tudo e sentimos-lo, diretamente, nos dias que ali passámos. Pedimos e insistimos junto da Madre Geral, para caso considerássemos conveniente que respondesse a estes senhores enviando irmãs para Portalegre. Chegadas a meados do mês de junho para ali vieram as nossas irmãs e no dia 18 de junho de 1947 tomaram a seu cargo esta casa, onde ainda hoje permanecem, trabalhando para aumentar a glória de Deus e dos corpos e almas de tantos doentes que ali são atendidos.

Uma das nossas irmãs, no dia dezassete de dezembro de 1961, depois de doloroso sofrimento voou desde Portalegre para Céu para se reunir com a nossa Santa Madre Fundadora e com tantas almas que amaram a Jesus e Maria Imaculada, nossa querida Mãe.

Nos inícios do ano seguinte, mil novecentos e quarenta e oito o Senhor Marquês de Alvimto (14) pede uma Comunidade para Nisa, sua terra natal. Este senhor é proprietário de muitas e extensas terras agrícolas, não tem descendentes, é viúvo e quer apoiar os seus contrêrneos desprotegidos da sorte. Antes que Deus o chame pensa pôr em prática os seus bons desejos e para isso quer as Filhas da Madre Matilde, o que lhe é concedido. Pretende dar tudo, incluindo a seu grande palácio. Ele irá viver o resto dos dias que Deus lhe dê de vida numas casas pequenas em Lisboa e em Nisa. Assim o pensa e assim o faz. Quere que a Comunidade venha rapidamente porque deseja pôr tudo a andar e arranjar o que seja necessário e depois de estar ao gosto de todos inaugurar a obra no dia da Imaculada, dia oito de dezembro desse mesmo ano.

Em novembro sai outro grupo de religiosas rumo à vizinha nação, Portugal, para se encarregar de mais uma obra assistencial para os que necessitam de auxílio material e espiritual. Aqui se encontram criaturas desde a primeira primavera até à nágésima ou até mesmo à centésima, ao cuidado das Filhas de Maria Mãe da Igreja.

Eram frequentes os pedidos para vários ministérios próprios do nosso Instituto, uns eram atendidos e outros não. Pedem-nos para apoiar uma clínica em Castelo Branco. Esta proposta encanta-nos porque nos propõem sair desta região alentejana, onde já temos as três primeiras casas, e agora vamos para a Beira Baixa e como digo, agrada-nos a todas.

São três médicos que trabalham em sociedade. A casa foi adaptada, mas é algo trabalhosa. Tem três pisos. Entre o rés-do-chão e terceiro piso a Comunidade tem os seus dormitórios. No rés-do-chão está a capela e o refeitório encontra-se no primeiro, o principal. No segundo estão os consultórios, os quartos, enfermaria e sala de operações, etc. Assim, aqui passam quatro anos. Um dia os diretores, ou médicos discutem entre eles e separam-se, continuando a trabalhar, mas separados. Todos querem a nossa Comunidade, mas esta, amavelmente, despede-se de todos e sai da cidade.

A Madre Jacinta pensou em criar uma casa no norte do país e que fosse propriedade da Congregação. Ao princípio parecia um disparate. Sem dinheiro como se pode adquirir? Num dia dispõe-se a empreender uma viagem ao Deus dará e vai até ao Porto onde se encontra com o Padre Bernardo, antigo superior da casa que os Padre Jesuítas têm na Covilhã e conta-lhe o motivo de andar por aquelas paragens. Ele anima-a e ajuda-a a encontrar uma casa, mas nada descobrem. Sobem mais para norte e veem e reveem e nada lhes agrada. Por fim, este Senhor conhece na Póvoa do Varzim uma casa dividida em três, duas estão vazias e a terceira, contígua, acolhe uma corporação de bombeiros voluntários. Será fácil que a desocupem. Está situada num bom local, tem bom aspeto e tem em frente uma igreja com muito culto. Necessita de obras, mas o preço não é muito elevado e apoiada pelo Padre Bernardo e também pela Comunidade enche-se de coragem e tal como a nossa Madre Fundadora, mulher de negócios, sem dinheiro, mas confiante na Providência, avança.

Com o beneplácito da nossa Madre Geral e do seu Conselho dá início às negociações para a compra do imóvel, onde irá acolher meninas pobres, filhas de pescadores, órfãs e sem amparo e estas, infelizmente, encontram-se por toda a parte. Ela na sua obsessão de comprar a casa pensava e dizia, damos o que conseguirmos juntar para o sinal, depois, se não conseguirmos de outra maneira fazemos uma hipoteca sobre a casa e vamos pedir dinheiro ao banco sobre a hipoteca e assim iremos pagando. Contudo, pelo meio, a sua grande preocupação era de nunca mais poder

ver-se livre deste fogo que tudo devora e de nunca conseguir pagar a casa, porque o que conseguia juntar seria apenas para os juros. Assim determinada resolveu tirar a hipoteca o que a aliviou um pouco de tantos pesadelos que carregava. Contava com o que, por ordem da Madre Geral, lhe dessem para comprar estas casas, mas era tão pouco, porque, então, o que nos davam a todas era muito pouco e não chegava para cobrir os gastos das respetivas Comunidades. Acrescentar a isso mais o sustento daquela casa, pagar as despesas e os juros, o dinheiro não chegava. Deus como Pai providente que é, lhe proporcionou conhecer uma senhora viúva e um sobrinho, os dois de boa condição social. Deve ter sido o Padre Bernardo que falou deles à Madre. Depois de muito trabalho a pobre Madre conseguiu deles generosos donativos de toda a espécie, fosse em dinheiro, fosse assinando documentos para que pudesse assumir o compromisso de que se comprometia a pagar ao banco. Muito deve ter sofrido a Madre nesta ocasião, vendo chegar a hora e não ter o dinheiro, devia ser terrível para ela e para toda a Comunidade.

Afastei-me da história porque antes destes apuros saíram as nossas irmãs de Marvão para a Póvoa, no dia vinte e cinco de julho do ano de mil novecentos e cinquenta e cinco levando cada uma apenas uma mala e pouco mais, porque o trajeto era longo e tinham de fazer vários transbordos. A Madre Jacinta, tal como a outra Santa Teresa Andariegga que ia abrindo bombais e os punha a funcionar, assim o fez em Marvão, depois em Portalegre, em Nisa, Castelo Branco e agora na Póvoa do Varzim. Fazendo andar o barco aqui parou definitivamente, até que esgotando todas as suas energias a mandaram descansar para Placência, Casa Mãe de toda a Congregação.

A sua santa ambição foi sempre a de ter um sacrário, como a nossa inolvidável Madre fundadora, meninos a quem carinhosamente cuidar, doentes a quem aliviava e confortava. e isto nós e ela sempre encontramos neste ramo de atividade e nunca fizemos greves.

Sairam desta Casa de Marvão a madre e mais três religiosas com uma menina das mais crescidas e mais duas irmãszinhas mais pequenas que aqui se encontravam. Levavam-na para ajudar porque correspondia com agrado, como sempre fez. Foi sempre muito boa e sacrificou-se pela Comunidade que a tinha criado, impulsivada para lutar pela vida. Chama-se Glória. Passados alguns anos participando nas agruras e alegrias daquela Comunidade, quando viu que já não era necessária partiu para França em busca de um futuro mais rentável, onde ainda permaneceu, ajudando os seus pais. Deus a recompense pelo interesse e santo afeto que demonstrou a todas as que com ela conviveram, acompanhando-a na postulação que resolveu fazer para alívio das necessidades atuais e daquela época e que em muito a ajudaram as ofertas que recebeu com tanto sacrifício de todas nós, quer fosse no Verão suportando o

Boletim da



MISERICÓRDIA

Agosto 1998

PUBLICAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO CONCELHO DE MARVÃO

As promessas que eles fazem

Aquando da inauguração do Centro de Saúde deste Concelho, esteve aqui presente o senhor Director-Geral dos Hospitais de então, que ao aperecer-se que se encontrava na Santa Casa da Misericórdia uma religiosa de nome Celestina logo fez questão de lhe falar, para tirar dúvidas, já que ele próprio havia sido criado com a ajuda de uma senhora com este nome, mas que certamente já não conhecia, pois não a via desde criança. Só que esta irmã, apesar da sua avançada idade e falta de vista, logo o reconheceu pela fala, dizendo-lhe: tu és aquele fulano que eu ajudei a criar!

Verba necessária para o seu pagamento. Assim firmes! Em 21.03.89, enviamos facturas no valor de 2.458.455\$00, e ficámos a aguardar. Como já nos parecia tempo a mais, telefonámos a uma pessoa amiga que, rapidamente se deslocou ao seu gabinete, tendo sido informado pela sua secretária que o senhor Director-Geral se devia ter precipitado, pois não podia fazer promessas deste tipo. Não conformado, este nosso amigo, insistiu dias depois, mas sem grandes resultados, porque desta vez a referida secretária já estava em condições de lhe confirmar o que antes havia dito. O Senhor Director-Geral tinha-se mesmo precipitado já que não estava à altura de fazer promessas destas, daí que nada tivemos de receber! E por estas e por outras que nos afirmamos que não batemos palmas por encomenda. Nem salmos de casa para ouvir discursos bonitos, porque logo à partida já sabemos que uma pessoa que se desloca a um determinado lugar, onde é recebido a troco de palmas, abraços e grandes almoços, tem que necessariamente falar bem e fazer grandes promessas. Só que cumprí-las não é com eles.

Finalmente, estamos em condições de poder afirmar que, do subsídio de 10.000 contos, que nos havia sido prometido há mais de 12 meses, temos agora à nossa disposição no Centro de Segurancas Social ou falsas.

A. notícia aqui fica. Cada um tire as ilações que quiser.

Promessa semi-cumprida

Finalmente, estamos em condições de poder afirmar que, do subsídio de 10.000 contos, que nos havia sido prometido há mais de 12 meses, temos agora à nossa disposição no Centro de Segurancas Social ou falsas.

(continua na pag. -)

Dia 8 de Setembro



Festa de Nossa Senhora da Estrela Almoço dos Irmãos da Misericórdia

Como já vem sendo hábito vai realizar-se no próximo dia 8 de Setembro, dia de Festa da Padroeira do Concelho, o almoço de confraternização dos Irmãos da Misericórdia.

Se é irmão e está interessado, faça a sua inscrição até ao dia 5 de Setembro, o mais tardar.

Lembre-se que se o fizer com antecedência, está a contribuir não só para o seu bem estar, como também para facilitar a vida de quem labuta diariamente na cozinha desta Instituição.

A Ementa será:

- Sopa de legumes
- Migas com costado e toucinho ou bacalhau dobrado
- Doce e Fruta.

Preço por pessoa: 1.000\$90

calor, ou no Inverno, suportando as chuvas e o frio. Que o Senhor a recompense e a todas nós com muitas e abundantes graças para os os corpos e especialmente para as suas almas.

Nunca nos esqueçamos que se hoje somos detentoras desta formosa casa e obra foi porque existiu uma dama sacrificada e generosa que se ofereceu para fazer frente a muitas e várias dificuldades e para quê? Para adquirir e conseguir por lei umas das nossas casas. O que elas sonharam, fruímos hoje nós. Temos, é verdade uma linda casa, bem situada, adaptada aos tempos atuais, um bom colégio, melhor patronato, um orfanato para meninas desprotegidas da sorte e falta de quem lhe dê um pouco de carinho, que tanto procuram e desejam. Temos um bom espaço para que as irmãs ali residentes possam promover para o fim a que se destina a nossa querida congregação, enfim, um tesouro inestimável.

Não quero terminar sem recordar o que nunca devemos esquecer nesta Comunidade, e que me parece um pouco já esquecido de todos, os muitos benfeitores vivos e os já falecidos, porque ao evocarmos o Todo-Poderoso, nós devemos ficar muito agradecidas e perguntar como lhes poderemos agradecer? A mim parece-me que o podemos fazer com as nossas orações.

Também nos convidaram para um centro sanitário em Tomar, pertencente ao Patriarcado de Lisboa, o que a todas nos agradou, por estendermos a nossa ação por todo país. Tratou-se das coisas, fizemos os devidos tramites e para li vai outro grupito, por um ano, de acordo com o contrato. Ali trabalham todos os médicos da cidade. Ao entrar em constante atividade o diabinho, que não descansa, nem de dia, nem de noite e é grande mestre em aproveitar-se das ocasiões mais propícias, então começa tudo a andar mal, por isso ao completar-se o ano de contrato sai a Comunidade da cidade de Tomar.

Agora um passinho ainda atrás e de novo a Marvão, casa central de Portugal. É verdade que casa central deve ser a da Póvoa do Varzim, por ser grande e propriedade da Congregação, mas como todas nasceram e partiram de Marvão temos de encontrar motivos justificativos para que seja assim. O edifício ainda que antigo presta-se para acolher os diretores, os presidentes que sempre tiveram o maior gosto em dar-nos toda a liberdade para colhermos quem nós entendêssemos. Estamos à porta da fronteira de Portugal com Espanha. Aqui se realizaram reuniões, exercícios espirituais, festas de nível congregacional, descanso de irmãs, etc, etc. Por estes motivos parece-me apropriado que se atribua a Marvão o nome de Casa Central de Portugal.

Aqui como em todas as partes festejou-se e festeja-se, sofreu-se e sofre-se, o que é próprio desta vida, ir passando entre a dor e a alegria até que chegue a hora de se receber o prémio, porque todos o temos garantido. Bem nos advertiu o Senhor

Vivas quando nos chamou e não nos enganou. Temos encontrado muitas e variadas dificuldades, incompreensões, falta de meios económicos, vontade de querer fazer e não podermos e ver tanta miséria e não poder dar o remédio a todos, o que em muitas ocasiões foi impossível, mas custa muito mais a quem Deus incutiu sentimentos cristãos.

Como sabem houve aqui, em Marvão, há alguns anos, meninos e meninas asiladas, alguns normais, mas a maior parte não e com origens muito pobres e muitos com doenças. Eram constantemente atacados por amigdalites e anginas. Uma vez, um otorrinologista ofereceu-se para operar, aqui na casa e hospital, aos que mais sofriam, aproveitando as férias de três dias de descanso do Carnaval. A Madre Saturnina aceita a oferta. Parece-me que era ela que nessa altura regia esta casa. Prepararam-se as coisas, administra-se aos mais atacados cálcio e coagulantes. Vinte e uma crianças naqueles três dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e cinquenta e um são operadas. Com feliz normalidade tudo resultou bem. Apenas uma menina teve um princípio de hemorragia, mas como ainda estava na casa o cirurgião, foi tratada imediatamente. A todos desapareceram as contantes crises de que sofriam. A nossa Comunidade é que foi obrigada a correr sem parar para cuidar de todos.

Em mil novecentos e cinquenta e quatro quase todo o pessoal desta casa é atacado por gripe, ficando apenas de pé o Capelão, a madre Pilar Alonso, que era nessa altura a Superiора e mais sete pessoas para tratar dos duzentos acamados. Iam caindo aos grupos, tivemos de transformar em enfermarias os escritórios, os consultórios, os refeitórios e todos os outros departamentos existentes nesta casa. O que valeu é que a gripe era benigna e a febre aliviou ao fim de poucos dias e a convalescença não se prolongou.

Nova prova que o Senhor nos envia. Em mil novecentos e setenta e três, em vinte de maio, surge nova gripe, ou surto epidémico. Em cinco horas são tacadas as cinquenta meninas deficientes. Esta gripe ataca ferozmente, porque de súbito a febre sobe aos quarenta graus. Vômitos, alguma diarreia e depois de oito horas uma das mais crescidas morre. Pensámos que fosse cólera, porque depois das meninas começa a adoecer o restante pessoal, irmãs, empregados e até o médico da casa. Tivemos de pedir ajuda ao Senhor Delegado de Saúde que, imediata e pessoalmente, se deslocou para aqui com uma equipa de enfermeiros. Também nos auxiliou a Clínica de Portalegre, enviando-nos a Irmã Mariana e uma empregada antiga, outra Mercedes, ou seja, a Maria da Luz. Igualmente de Nisa veio a Madre Luz e da Póvoa do Varzim a Madre Saturnina porque para todos havia muito que fazer. A Madre Adoración também se apresentou, assim que teve notícia do que nos estava a acontecer. O Senhor Presidente e a Senhora Tesoureira foram incansáveis. Como tinham carro foram buscar alimentos e medicamentos. Esgotaram-se nas farmácias próximas os

medicamentos de que necessitávamos. Tiveram de deslocar-se onde ainda os havia. Duas irmãs que saíram para Lisboa nesse dia não se livraram de apanhar o vírus porque no dia seguinte, na casa das religiosas onde se hospedaram, estando a ouvir a santa missa uma sentiu-se mal e teve de ser internada no hospital de infecciosos, porque se pensava que a nossa casa tinha sido infetada pela cólera. A outra, passados dois dias teve de ficar de cama na casa onde estava hospedada. Foi comunicado à Superioria que deu ordens para que, sem perder mais tempo, fosse levada para Marvão. A outra aí ficou até que comprovaram que não era cólera, mas sim um vírus gripal de má raça. Tivemos de lamentar dois casos mortais, mas passado algum tempo todos os demais entraram em franca convalescença. A todos os que nos auxiliaram Deus os premeie. A nossa Comunidade e diretores deste Centro ficamos-vos eternamente agradecidas. A Superioria desta casa era a Madre Adoración Pañero, que foi uma heroína. Manteve-se sempre de pé mas ela, como todos os outros, necessitava de ir para acama. De pé ia-se medicando e graças ao Senhor que parece que aperta, mas não afoga, passou-se esta boa prova que Ele nos seus altos e secretos designios, tenha aceitado estes sofrimentos de todos e um dia nos recompense com um espacinho no Céu.

A título de curiosidade vou-vos dizer o número de doentes que assistimos nestes trinta e dois anos, só os externos, não conto os internados. Até hoje, dezembro de mil novecentos e setenta e sete, 3062 e destes fecharam os olhos para os abrir na eternidade de 336. Todos externos, com os internados o número é muitíssimo mais elevado.

Como bem se mostra a atividade desta casa foi sempre excessiva e continua a sê-lo. Deus nos permita que nunca este excesso faça, nem chegue a fazer minguar a nossa espiritualidade, nem o fim que cada uma de nós se propôs tomar, isto é, a firme resolução de trabalhar muito pela glória de Deus, pelo bem do nosso Instituto, em favor dos



Imagem primitiva de N.ª. S.ª. da Estrela a quem Sor Celedónia muito queria.

nossos irmãos e todos os que necessitam da nossa ajuda, sempre com o pensamento posto no Céu.

O Senhor Delegado de Saúde Distrital de Portalegre solicita-nos uma equipa com pelo menos duas enfermeiras para, em benefício desta comarca, empreender o obrigatório ato de vacinar crianças e adultos. Coisa para nós muito custosa por falta de tempo, mas a que acedemos devido às repetidas insistências do dito Centro de Saúde Pública porque não podiam levar a efeito a vacinação por falta de pessoal especializado. Durante um ano, todas as tardes, lá vão a Superior Madre Isabel Aguilár e outra irmã pelas aldeias e casarios em redor exercendo este mister. As escolas e os escritórios adaptaram-se para esse fim. Foram milhares os que apareceram, se não o fizessem ficavam sem este benefício. Dava-se, ou melhor dizendo, injetavam-se, em fases, contra o tétano, tifo e por últimas bexigas, isto entre o ano de mil novecentos e sessenta e quatro e o de sessenta e cinco. Depois desistimos por falta de tempo, mas sempre que necessário atendíamos os que necessitassem aqui na Santa Casa da Misericórdia. Servia nestas tarefas fora da Secretaria uma jovemzinha de Marvão. Este serviço foi solicitado por várias vezes, mas era-nos impossível fazê-lo.

Como estamos em vésperas do Natal, recordamo-nos deste caso que aconteceu no primeiro Natal que aqui passámos. Por esses dias, já lá vão trinta e três anos, apresentou-se aqui uma jovem acompanhada pela sua mãe. Esta barafustava muito com a sua filha que é solteira. Esta, com medo, suportava os maus-tratos da sua mãe. Resultado, esta diz-nos que está grávida e quer que a internemos aqui até que chegue o momento de dar à luz. Nós tentávamos que a sua mãe se acalmasse, mas nunca poderíamos aprovar a ação da sua filha, mas como alguém afirmou, contra fatos não há argumentos. Na sua casa nem ela conhecia a pilula, nem os meios abortivos. Toda a família sentia e muito a vergonha e a queda da filha. Ao que parece o que mais os preocupava a todos era o futuro, o encargo de criar o que aí viesse e não poder alguém ir trabalhar para cuidar da criatura. Muito egoísmo existia. Vendo isto e para ver se a boa mulher se resignava e deu-nos algum trabalho durante alguns dias, fazendo-a ver as coisas com espírito caritativo e maternal, porque era sua filha e tinha de proceder de outra maneira. Se ela não tinha tropeçado na sua vida, devia de dar graças a Deus e com a sua filha tinha de proceder como mãe que era. Se os seus a rejeitavam e abandonavam o que ia ser dela. Chega o dia vinte e quatro e Beatriz (15) vê chegar a hora. A sua mãe por ser o dia de véspera de Natal ficou na sua casa porque tinha lá o marido e filhos que nesse dia não foram trabalhar. Às quatro da tarde, num parto normal, vem ao mundo uma perfeita e formosa menina. Nesse dia o médico fez a visita durante a tarde podendo ver a mãe e a recém-nascida. Avisou-se a família, mas creio que ninguém apareceu, só o fizeram no dia seguinte e porque a isso foram obrigados.

Era noite, mas não tivemos Missa do Galo porque só havia um padre para toda comarca. Marcou-a para o dia de Natal, às dez da manhã. Para essa hora estavam preparadas a mãe e a filha. Ao terminar esta cerimónia esperávamos a Família Vivas, que têm por costume pôr as suas filhas a fazer um vestido e outras prendas para oferecer aquém nasça nesse dia, ou no mais próximo. Assim, nesse ano, os presentes calhavam àquela que aqui, havia poucas horas, viu a luz deste mundo. Termina a santa missa e todos querem ver a menina. Qual foi a surpresa e desgosto da Irmã Teresa, que como disse era ela a enfermeira das mulheres, quando encontra a menina sem vida e com os dedos da sua mãe marcados no seu pescocinho todo negro. A sua própria mãe tinha-a estrangulado, tirando-lhe a vida e também a privou, por não

119
 en entrar los brazos y p...
 var no: todo lo que le...
 permitido lo hemos aceptado
 como muy bien del lo sabe
 visto no se le aculta nada y
 el final de nuestra jornada
 esperamos la recompensa.
 Procurémoslo siempre fe
 les al Señor, a nuestros superio
 res sus representantes en esta
 vida y amar mucho nuestra
 vocación y implemos de la
 santísima Virgen nuestra Ma
 dre Immaculada nos digni
 de las aspas de los enemigos
 nos conserve la vista clara y el
 corazón puro para ver con
 claridad lo que nos puede per
 judicar y hacer infelices a lo que
 con tanto amor y entusiasmo me
 dia de ofrezcamos y damos al Señor
 el análisis este trabajo hay día
 diez y siete de diciembre y me vi
 ne a la memoria que precisa
 mente se cumplen setenta y cin
 co años que nuestra malvada

12
 y querida Madre Fundadora Voto
 de cielo a venir y con el amor de su
 alma, con su Jesús y nuestro, a recibir
 el premio de sus obras y trabajos por
 aumentar la gloria, por buenas
 oraciones que le amaran mucho,
 sus niños, sus jóvenes, sus enfermos
 sus hijos que los llevaría en los plis
 que de su corazón, en fin, todo
 aquel que Dios dote de corazón pa
 ra amar, a Jesús sacra mentado,
 María Inmaculada, el penitente
 José y ellos y ella hoy celebraran su su
 da festiva muerte sus bodas de diamon
 te en el Paraíso Celestial.

Sor Celedonia Gil Castaño
 Marvão Portugal 12-XII-1977

VEROBA
 MARVÃO
 12-XII-1977

12-XII-1977

VEROBA
 MARVÃO
 12-XII-1977

12-XII-1977

ter dado tempo para ser batizada, de fazer coro com os anjos. Ninguém esperava tal coisa. Não podíamos imaginar que pelo Natal iríamos passar o desconforto e tristeza que isto nos provocou. A criminoso saiu daqui para a cadeia, onde permaneceu uns anos. Hoje está casada e tem uma filha e vive em Marvão. Não é feliz porque o marido é muito alcoólico e faz-lhe a vida negra.

Vou terminar este relato ou história verídica pedindo a todos que me desculpem, primeiro pela minha pobre exposição e segundo pelo minha pouca sabedoria e simples conhecimento. Não posso negar que o meu estilo é simples e também o meu pouco saber e tudo o mais. No que faço apenas creio ter a meu favor a boa vontade e isso é porque foi apenas o dom que Deus me deu e que eu aproveito.

Como já disse mais atrás todas fomos felizes, todas temos trabalhado e continuamos a fazê-lo. Não pensamos em cruzar os braços nem parar. Tudo o que Deus nos tem dado o temos aceitado com grande agrado. Ele o sabe porque tudo vê e no fim da nossa jornada esperamos a sua recompensa.

Procuramos todas ser sempre fiéis ao Senhor, às nossas superiores, suas representantes nesta vida. Procuramos amar muito a nossa vocação, implorando à Santíssima Virgem, nossa mãe imaculada que nos afaste da presença do inimigo, nos conserve a vista clara e o coração puro para com clareza vermos o que nos pode prejudicar e acreditar que com tanto amor e entusiasmo um dia O apreciaremos e, então, ouviremos o Senhor.

Finalizo este trabalho, hoje dia dezassete de dezembro de mil novecentos e setenta e sete e vem-me à memória que, precisamente hoje, cumprem-se setenta e cinco anos que a nossa querida e inolvidável mestre, a Madre Fundadora voou ao Céu para se reunir com o Amado de sua alma, o seu e nosso Jesus, para aí receber o prémio dos seus trabalhos, para aumentar a Sua glória, para descobrir corações que amarão muito as suas crianças, os seus jovens, os seus doentes, as suas Filhas e que as levará ao céu do Seu coração. Enfim todos aqueles que Deus dotou de coração para amar a Jesus Sacramentado, Maria Imaculada, o Bendito São José e eles e ela, hoje, celebrarão, sem dúvida, festivamente, as suas bodas de diamante no Paraíso Celestial.

Sor Celedonia Gil Castaño

Marvão, Portugal 17-XII-1977

Nota

O original foi escrito com um pouco mais de ordem, porque este é um rascunho. Portanto, o primeiro incidente foi a queda da Irmã Narcisca, depois o regresso dela no dia do Coração de Jesus, o ingresso da Jacinta nas vésperas do Natal, a triste história da Beatriz (16) que estrangulou a sua filha recém-nascida.

Também as fundações levam a sua ordem, contém 149 páginas. (17)

NOTAS

- (1) Tenente João José Amaro
- (2) Atual Pousada da Juventude da Serra da Estrela
- (3) O lactário chamava-se Lactário de Nossa Senhora da Covilhã, que foi promovido por Maria Ilda Catalão Espiga e Adelaide Ranito Catalão, que o dirigiram alternadamente. O médico que assistia a este lactário era, à data, o Dr. José Ranito Baltazar, que se tinha especializado em obstetrícia e puericultura, em Paris.
- (4) Ordinário do Lugar, entenda-se o Bispo dessa diocese, neste caso da Guarda, que à data seria D. José Alves Mattoso e que aqui governou entre 1914 até à sua morte em 1952.
- (5) Manuel Berenguel Vivas, natural da Beirã, empresário de sucesso, foi Presidente da Câmara de Marvão de 1944 a 1956 e Provedor Vitalício da Misericórdia de Marvão.
- (6) Que era à data Manuel Vivas, que acumulava também as funções de Provedor da Misericórdia de Marvão.
- (7) O Dr. António Afonso Salavisa, Governador Civil de Portalegre entre 1944 e 1947.
- (8) D. Domingos Maria Frutuoso, Bispo de Portalegre e Castelo Branco entre 1920 e 1949.
- (9) Sempre a conheci a coxeir.
- (10) Nome ficcionado pelo tradutor.
- (11) Casa circular de pedra saca e cobertura de giesta onde os mais pobres da zona norte de Marvão viviam.
- (12) Nome ficcionado pelo tradutor.
- (13) Casa de Saúde de Portalegre.
- (14) D. António Lobo da Silveira – Alvito
- (15) Nome ficcionado pelo tradutor.
- (16) Nome ficcionado pelo tradutor.
- (17) Esta nota redigida pela Imã Celedónia, numa página final destas memórias não tem número de página, ao contrário de todas as outras que se encontram numeradas. Estas memórias, neste "borrador" como lhe chama a Sor Celedónia, totalizam 121 páginas, incluindo a da Nota. Parece, assim, que ao ter revisto e eventualmente ordenado cronologicamente os acontecimentos nele relatado o texto final ter-se-á estendido por 149 páginas, como refere na nota da última página.

NOSSA SENHORA DA ESTRELA: UM SANTUÁRIO E AS SUAS IMAGENS



1 - Painel de azulejos, representando o surgimento da imagem de Nossa Senhora da Estrela, 1.ª metade do séc. XVIII (foto RV).

*Nesta lapa de pedra dura,
'Stavas bela formosura
Há tantos anos metida.
Dai-me graça singular
P'ra qu' eu possa contar
Os milagres qu' obravas nela.
[...]*
*'Ma noit' um pastor,
C' o seu gado recolherido,
Baixou uma 'strela e disse:
«Vem cá, ditoso varão,
Vem à vila de Marvão,
Cá me vem fazer
'Ma casa d' oração.
[...]*

Lenda de Nossa Senhora da Estrela
Excertos da versão de Escusa (Marvão)
(in Ventura, 2013: 36)

I. UM LUGAR, UMA LENDA, UM SANTUÁRIO

I.1. DO LUGAR AO SANTUÁRIO COM MOSTEIRO

Antes da imagem de Nossa Senhora da Estrela, existiu em Marvão, fora das muralhas, o lugar alto onde tem sido venerada. Antes da devoção mariana, ali terão sido praticados outros ritos, anteriores ao surgimento do Cristianismo. Nas proximidades, têm sido encontradas algumas cerâmicas roladas, atribuídas ao período neolítico¹. Fazem-nos pensar na contínua sacralidade daquelas lapas, uma das quais terá sido cristianizada, em data difícil de conjecturar.

¹ Informação gentilmente oferecida pelo arqueólogo Jorge de Oliveira, a quem agradecemos.